

REVISTA DZZZ



ANO 3 | Nº 31 | JANEIRO DE 2016 | R\$ 12,00

GLAMOUR

A passagem do badalado estilista Dener Pamplona por terras potiguares na década de 1970

ETERNO ROMÂNTICO

Carlos Alexandre: o artista potiguar que conquistou o Brasil e programas como o de Chacrinha, mas pouco é lembrado no RN



É Rock!

DO RN AOS GRANDES FESTIVAIS, FAR FROM ALASKA ENCANTA CRÍTICA E PÚBLICO. ELOGIADA POR NOMES COMO PITY, DESTAQUE NO FESTIVAL LOLLAPALOOZA E ESCOLHIDA PARA SUBIR AOS PALCOS DO BRAZILIAN DAY, NOS EUA

ABANDONO

Prédios históricos da Ribeira em estado de deterioração são esquecidos pelo poder público

TURISMO

Os encantos de Exeter, na Inglaterra, cidade onde estudou a autora de Harry Potter

DESTEMIDA

A personalidade forte e a intensa vida de Moema Tinoco



NOVO HOLIDAY INN NATAL.

VOCÊ ACABA DE GANHAR UM HOTEL COMPLETO, UM RESTAURANTE DE PADRÃO INTERNACIONAL E UM CENTRO DE EVENTOS SEM IGUAL.



Apartamentos novos, completos e confortáveis • Suez - Restaurante de padrão internacional aberto ao público • Estacionamento Academia • Piscina • Brinquedoteca • Centro de Eventos moderno e flexível, com capacidade para até 2.400 pessoas.



Holiday Inn® Natal

Av. Sen. Salgado Filho, 1906, Lagoa Nova, Natal-RN, CEP 59075-000

T: (84) 3344 7333 | 0800 118 778

facebook.com/holidaynatal.lagoanova | twitter: @holidaynatal

www.holidaynatal.com.br/lagoa-nova | www.holidayinn.com/natalbrasil



Localização estratégica



RAÍZES

Sucesso em diversas cidades do país, apresenta o rock dos bons, com músicas cantadas em inglês, numa pronúncia perfeita. Som de tal qualidade que arranca elogios de referências como a cantora Pitty, é aclamado pela crítica nacional após apresentação no festival Lollapalooza e, começa 2016, levando o nome do Brasil e do RN aos palcos do Brazilian Day, em San Diego, Estados Unidos. Basta terminar a música, no entanto, para o autêntico sotaque potiguar ser sentido na interação com a plateia. Vi a cena recentemente em Curitiba (PR) e eu, que pouco entendo de rock, arreepei com o som, com o delírio de uma plateia entusiasmada e o “obrigada, gente”, em uma sonoridade agradabilíssima para alguém que andava saudosa de casa e dos seus. Era a Far From Alaska no palco, banda capa desta edição e que contou, em um papo descontraído com a jornalista Ana Paula Davim, como tudo começou e as tantas coisas incríveis que já aconteceram com o grupo.

E como o bom filho à casa torna, aproveito férias em terras potiguares para colaborar com este número da revista, enquanto a editora chefe da Bzzz, Eliana Lima, curte uns dias de descanso, embora esteja atenta ao que se passa a todo minuto. Aproveito então a oportunidade para relacionar os personagens destaque, que compõem a Far From Alaska, e o estilo deste veículo. Assim como a banda, a Bzzz busca outras referências e traz assuntos do mundo inteiro, mas é a riqueza da cultura, peculiaridades e talentos do Rio Grande do Norte que movem todo o projeto. Não é raro que um repórter sugira uma matéria que realmente gostaria de mergulhar e então escreva sobre ela. Como resultado, temos textos deliciosos, ricos, empolgantes, como o que conta a vida intensa de Moema Tinoco, a pedagoga paraibana, grande amor de Diógenes da Cunha Lima, que nem quando perdeu o movimento do corpo deixou de aproveitar cada segundo da vida. Escrito por Louise Aguiar, uma verdadeira lição!

Também de Louise a matéria que conta a história de Carlos Alexandre, o cantor romântico que fez sucesso nos mais famosos palcos, como o Programa do Chacrinha, e pouco é lembrando no RN. Apresentamos também problemas que podem ser graves quando a memória não é preservada. É o caso dos prédios históricos da Ribeira que, sem preservação, apresentam risco constante. Muito longe daqui, Exeter, na Inglaterra, está nas páginas de turismo, sob olhar de Juliana Holanda. Nesta edição, Octavio Santiago traz as delícias da gastronomia peruana. Já que é verão, a estação também passa por aqui, com Vânia Marinho, que mostra as peças que não podem faltar. E mais: o efeito do azul na decoração, coluna de cultura, festas, túnel do tempo especial, as novas tendências da educação, pesquisa, entre outros.

A todos, uma maravilhosa leitura!

Alice Lima
Editora-assistente

EXPEDIENTE

**PUBLICAÇÃO:****JEL COMUNICAÇÃO****SITE DA REVISTA****ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS****portaldaaabelhinha.com.br****E-MAIL****revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br****EDITORA**

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA-ASSISTENTE

ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 9996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO

ALICE LIMA, ANA PAULA DAVIM,

ANDRÉA LUIZA TAVARES, CAMILLA PIMENTEL,

JULIANA HOLANDA, LOUISE AGUIAR,

MARCOS NERUBER, OCTAVIO SANTIAGO,

ROBERTO CAMPELLO, THIAGO CAVALCANTI,

VÂNIA MARINHO, WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA

CARLOS MAGNO

FOTOS

JOÃO NETO,

PAULO LIMA, SUELI NOMIZO

GRÁFICA

UNIGRÁFICA

TIRAGEM

6.000 EXEMPLARES



A MELHOR REFERÊNCIA *quando você mais precisa.*

Saúde em todos os aspectos. Assim é o hospital com a melhor estrutura hospitalar do Norte-Nordeste, 27 especialidades médicas e o único da rede privada com duas hemodinâmicas. Além de tudo isso, você conta com o Check-up Executivo, que realiza uma bateria de exames em apenas um expediente e faz uma avaliação geral da sua saúde. Se um dia precisar, fique tranquilo: o Hospital do Coração é referência.

- Equipe médica completa
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

(84) 4009-2000

hospitaldocoracao.com.br

**HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.





72

Gastronomia

O Peru é aqui!



MODA

74 Versátil

Das coringas t-shirts às tendências da moda praia, todo verão tem suas peças queridinhas

OBRAS

16 Saneamento

A capital mais saneada do Brasil, Curitiba, e o andamento das obras de Natal, que estão avançadas

PESQUISA

42 Águas

Pesquisa da UFRN investiga alto teor de elementos cancerígenos em açude do estado

HÁBITOS

54 Vida saudável

Em um SPA, a rotina disciplinada quem busca o equilíbrio do corpo e da mente

EDUCAÇÃO

30 Tempos modernos

Muito além das disciplinas tradicionais, escolas investem em modelos inovadores de aprendizagem



ARQUITETURA

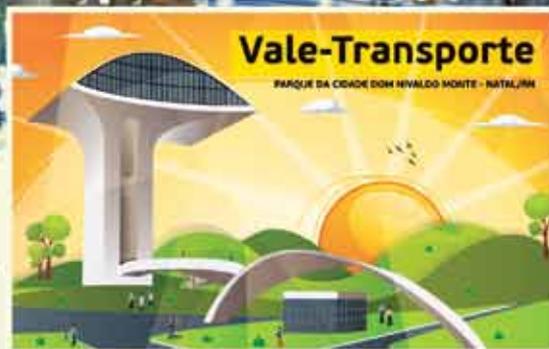
80 Cor

Tudo azul. Ou quase tudo. A cor que ilumina, moderniza e com tudo compõe

NatalCard

Vale - Transporte Eletrônico – VTE

Modernidade e praticidade a serviço da sua empresa



Serviços exclusivos:

- Compra de créditos eletrônicos via internet;
- Atendimento especializado com consultores qualificados;
- Recarga a bordo: os créditos eletrônicos ficam disponíveis assim que o usuário utilizar o cartão no validador do ônibus pela primeira vez após cada recarga online;
- Incentivos fiscais: dedução do imposto de renda em até 10% nas despesas com o vale-transporte;
- Segurança e agilidade no embarque: elimina a necessidade de portar o dinheiro em cédula e conseqüentemente as filas para receber troco;
- Redução do custo para o empregado, com a Integração/Passé Livre: o colaborador utiliza dois ônibus para chegar ao trabalho pagando uma única passagem.



ELIANA LIMA

JOGANDO A TOALHA

A grave crise financeira amargada pelos municípios potiguares faz vários prefeitos pensarem muitas vezes antes de decidirem pela disputa da reeleição. A chefia do executivo municipal já tinha se tornado desinteressante com a fiscalização mais rigorosa dos tribunais de contas. Agora, com as finanças em baixa, o azedume ficou completo.

FUGINDO À REGRA

Exceção clara à indisposição generalizada nos municípios, Natal continua sendo o sonho de consumo de amadores e veteranos da política potiguar. Porém, a campanha curta, resultado da nova legislação em vigor, e o silêncio intrigante dos “oposicionistas”, cria um ambiente confortável para o prefeito Carlos Eduardo Alves (PDT).

PEDRA NO SAPATO

A única preocupação do prefeito da capital até o momento atende pelo nome de Robério Paulino (PSOL). Apontado como um dos responsáveis pelo segundo turno entre o governador Robinson Faria (PSD) e o ministro do Turismo Henrique Eduardo Alves (PMDB) nas eleições passadas, RP foi bem votado em Natal e conta com a simpatia da juventude.



MÃE JOANA

Ainda sobre as eleições deste ano, quando é que as autoridades competentes vão impedir esse flagrante desrespeito à legislação eleitoral chamado outdoors com felicitações para o novo ano? Além de serem extemporâneas, as peças ultrapassam os limites permitidos em lei. Isso sem falar que são geralmente de péssimo gosto.

VALE TUDO

Especialistas no assunto já fizeram as suas previsões. A campanha reduzida, de apenas 45 dias, de acordo com a nova Lei, vai ser agressiva. As aparições encurtadas na televisão também devem vir picantes, para que possam surtir efeitos. Na internet, então, as expectativas são de uma guerra online nunca antes vista.

PORTAS ABERTAS

O Partido Popular Socialista (PPS) pode voltar a ser grande em 2016 no RN. Uma turma de deputados estaduais analisa o desligamento das suas respectivas legendas para se unirem na sigla hoje comandada pelo ex-deputado estadual Wober Júnior. WJ, aliás, é quem convida parlamentares com assento no Palácio José Augusto.

SOB NOVA DIREÇÃO

Outra legenda que deve passar por mudanças este ano no Estado é o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Os ventos brasilienses sopram em favor do deputado federal Rafael Motta, que se filiou à sigla no final de 2015. Nos bastidores, comenta-se que Motta espera a recuperação da atual presidente e vice-prefeita de Natal Wilma de Faria para assumir o posto.

BOLA MURCHA

Por falar em novos comandos, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) iniciou 2016 com um apadrinhado do deputado federal Walter Alves (PMDB) na presidência. O afilhado, porém, parece não ser tão comedido quanto o padrinho. Getúlio Batista, secretário de Habitação de Natal, disparou recentemente em entrevista: “regularização fundiária é bom porque dá voto”. Pegou mal.

TIA DILMA

Em Brasília, a volta do recesso parlamentar vai retomar questões polêmicas que ficaram na geladeira durante o período sem sessões. O impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT) é um deles. Do RN, são hoje deputados federais situacionistas: Beto Rosado (PP), Fábio Faria (PSD), Walter Alves (PMDB), Zenaide Maia (PR). Metade da bancada composta por oito membros.

Fotos: Divulgação



INOPORTUNO

Outro assunto, no entanto, deve ganhar mofo na gaveta do Congresso Nacional. A possibilidade de se debater a instituição do Parlamentarismo no Brasil. Sonho de consumo do presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha (PMDB), o tema declinou com a sua imagem à frente da Casa. A proposta já tinha o apoio de parlamentares do Rio Grande do Norte.

Marcelo Camargo/Agência Brasil



RECONDUÇÃO

Comandante da bancada potiguar em Brasília ao longo de 2015, o deputado federal Felipe Maia (DEM) deve ser reconduzido ao posto pelos colegas deputados e senadores para mais uma sessão legislativa. Contra Felipe, apenas pequenas vaidades. O próprio filho do governador Robinson Faria (PSD), Fábio Faria (PSD), apoia o nome do parlamentar democrata.



ALTA CORTE

Capa recente da Revista Bzzz, o ministro do Tribunal Superior do Trabalho (TST) Emmanoel Pereira assumiu, recentemente, a vice-presidência da alta Corte trabalhista do país. Potiguar reconhecido nacionalmente pela produtividade no Tribunal, EP inclui nova linha no seu currículo. O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) ainda está nos planos do ministro norte-rio-grandense.



RETRATO DO ABANDONO

Pesquisa aponta que estruturas de prédios do histórico bairro da Ribeira estão em estado de deterioração, mas poder público continua sem resolver o problema

Por Roberto Campello



BASTA UM SIMPLES PASSEIO pelo tradicional bairro da Ribeira, berço da cidade de Natal, para verificar a situação de abandono e descaso. Prédios históricos em ruínas, esquecidos no tempo pelo poder público e proprietários, são marcas de um dos bairros mais antigos da capital potiguar. Em 2007, um estudo desenvolvido por alunos concluintes do curso de Engenharia Civil da Universidade Potiguar (UnP) constatou mais de 200 marquises de prédios da Ribeira com as estruturas comprometidas e iminente risco de acidentes.

O estudo “Patologia em Marquises, Balcões e Sacadas no bairro da Ribeira” trouxe uma constatação preocupante e ignorada por proprietários e agentes públicos: 74% dos prédios do bairro tinham algum tipo de comprometimento na estrutura da marquise. Quase dez anos se passaram e a situação continua praticamente a mesma, o risco persiste e merece uma atenção ainda maior para possíveis desabamentos. Algumas marquises desabaram ou foram substituídas e, outras, em sua maioria, estão em avançado estágio de deterioração.

No histórico bairro da Ribeira, das diversas edificações existentes, boa parte pos-

sui quase um século de idade e, deste modo, trazem os problemas inerentes à idade avançada sem os cuidados necessários. As marquises, principalmente, encontram-se em um adiantado e perigoso estágio de deterioração. O estudo mostrou que, do total de 200 marquises, sacadas e balcões analisados, 148 unidades apresentaram algum tipo de manifestação patológica, ou seja, 74% das estruturas analisadas. Apenas 62 edificações estavam com suas estruturas em boas condições e/ou recuperadas.

O problema não é exclusivo da Ribeira, onde a maioria dos prédios é tombada como patrimônio histórico, mas comum nos bairros comerciais. O professor orientador da pesquisa, o engenheiro civil Hênio Tinoco, explica que os pedestres que passam sob as marquises deterioradas com deslocamentos e estrutura metálica exposta, quase não reparam o risco. Por outro lado, os órgãos públicos incumbidos de fiscalizar ou regulamentar prédios e obras civis não realizam sequer fiscalizações quanto ao problema comum às construções na maioria das cidades. O estudo foi feito pelos atuais engenheiros, à época estudantes, André Miranda e Herbert Souza.



Estudo concluiu que estruturas estão em estado de deterioração

O engenheiro Hênio Tinoco explicou que o estudo teve como objetivo avaliar, por meio de um extenso levantamento, as estruturas de marquises, sacadas e balcões do bairro, descrevendo os métodos construtivos utilizados na época das primeiras construções, quantificando os problemas existentes nessas estruturas e, dessa forma, alertando proprietários, usuários e autoridades quanto aos riscos que oferecem estando nestas condições. “Nosso trabalho era mapear, por meio de um tratamento estatístico, e apontar quantas estruturas necessitavam

de reparos urgentes, o nível de deterioração, bem como quantas precisavam ser demolidas. Não conseguimos fazer esse acompanhamento após o trabalho”. O professor disse, no entanto, que na Rua Chile, por exemplo, algumas marquises que estavam deterioradas foram substituídas por toldos.

Os aposentados Manoel Soares de Paiva, de 76 anos de idade, residente na Rua Frei Miguelinho, e Raimundo da Silva Ribeiro, de 71 anos, residente na Rua Ferreira Chaves, ambos moradores da Ribeira, lembram o processo de

execução das marquises no início do século passado. Segundo eles, montava-se a fôrma, feita de tábuas de madeira, para, em seguida, ser erguida e escorada por estroncas de madeira. Depois forrava-se a parte interna da fôrma com papel de jornal para garantir a desmoldagem. A armadura era alojada na fôrma com espaçadores de cimento entre ambas e engastada na armadura da viga da parede do prédio.

O concreto para enchimento da marquise era feito “in loco”, no chão, misturado manualmente com pás e inchadas. Em seguida



A maioria dos problemas está relacionada à corrosão das armaduras

era transportado com baldes até a fôrma onde era espalhado e “adensado” por meio de batidas na armadura e na própria fôrma. Após o processo de montagem e execução, esperava-se de 15 a 20 dias até a retirada do escoramento. Depois de pronta os executores notavam que algumas marquises sofriam deformações excessivas, principalmente aquelas que possuíam balanços superiores a 1,5 metros.

Hênio conta que a maneira encontrada para resolver o problema foi a aplicação de contra-flechas, ou seja, no momento da

montagem, a extremidade da fôrma era elevada cerca de 4 centímetros para que, depois da retirada do escoramento, a mesma não sofresse deformações ou que a deformação natural fosse compensada.

O engenheiro civil explica que no bairro da Ribeira, como as edificações estão concentradas próximas à orla marítima e em logradouros de grande circulação viária, as marquises são continuamente expostas à ação agressiva dos gases poluentes, da umidade e da maresia. Sendo assim, as ocorrências mais frequentes dizem respeito a man-

chas de infiltrações, seguidas dos deslocamentos do cobrimento da armadura e sua consequente exposição. “O bairro já é por si só um ambiente agressivo para construções de concreto, em função da sua proximidade com o mar. Além disso, as construções antigas tinham outras características, com concreto mais poroso, o que contribuiu para a deterioração. O avanço dessa situação é o colapso”.

O desgaste e a demolição de algumas marquises, pouco a pouco, contribuem para a descaracterização do bairro histórico. Projetadas

inicialmente para proteger as pessoas da chuva e do sol, elas foram, ao passar dos anos, sendo sobrecarregadas com letreiros e refrigeradores de ar instalados por cima das marquises. A responsabilidade primeira é dos proprietários, mas o poder público também tem sua parcela de responsabilidade, uma vez que elas estão projetadas sob o passeio público (calçadas). Tudo isso compromete a identidade cultural e arquitetônica do bairro, que foi o primeiro centro comercial de Natal.

“As edificações, com idades que vão até 120 anos, são relíquias que mostram a tendência

da arquitetura utilizada nos séculos XVIII e XIX, portanto, mais uma razão para que os responsáveis tomem providências, com o objetivo de preservar os prédios para que as gerações futuras possam sentir e entender um pouco o passado. Mas, infelizmente, no bairro da Ribeira, não há mobilização por parte dos moradores e autoridades competentes para recuperar essas estruturas. Alguns têm alterado as características dos prédios e optam pela substituição dos elementos por estruturas metálicas, mais leves e mais práticas”, destaca o professor.

“

As edificações são verdadeiros patrimônios históricos que mostram a tendência da arquitetura utilizada nos séculos XVIII e XIX.”

Hênio Tinoco
Engenheiro Civil

Falta fiscalização

Marquises são estruturas que se projetam da fachada dos prédios sobre os logradouros. Nos prédios mais antigos são quase sempre de concreto, mas nos últimos anos muitos proprietários de imóveis usam materiais mais leves (metal ou PVC). O Corpo de Bom-

beiros Militar do RN, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (Semurb) e o Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea-RN) não desenvolvem qualquer trabalho específico quanto ao problema.

A Semurb alega que esse mo-

nitoramento não faz parte de suas atribuições específicas, cabendo ao órgão municipal apenas a fiscalização das obras e a posse das licenças. O Corpo de Bombeiros alega que só intervém nos casos em que recebe denúncias, indo ao local com um engenheiro, que interdita o prédio.



A recomendação era que a recuperação dessas marquises fosse realizada de forma urgente



Americanos na varanda do Grande Hotel



Início de 1942, típico bonde de Natal no cruzamento das Av. Duque de caxias e Tavares de Lyra, no bairro da Ribeira



Praça Augusto Severo

Passado esquecido

São inúmeros os prédios esquecidos e abandonados na Ribeira. Vizinho à Capitania das Artes, o prédio onde funcionava a antiga Sucam está abandonado há anos, servindo apenas de abrigo para árvores de grande porte, que ocupam o local onde era a recepção do prédio. Já na rua Chile, o que se vê é um contraste entre antigos prédios que foram restaurados e os que estão em ruínas. Esse contraste também pode ser visto na rua Dr. Barata.

Hoje, quem caminha pelas ruas estreitas não tem ideia do que elas representaram nas décadas de

trinta e quarenta do século passado. As lojas mais famosas ficavam na rua Doutor Barata, como, Paris em Natal, A Chilenita, Rosa Branca, Armazém Potiguar, A Filha de Natal, Livraria Ismael Pereira, Lojas 4&400 ou Natal Moderna. As avenidas Duque de Caxias e Tavares de Lyra, largas e arborizadas já representavam a nova tendência urbanística da cidade, complementadas pelas praças José da Penha e Augusto Severo.

A Ribeira já foi sede de alguns hotéis. O mais famoso deles é o Grande Hotel – onde hoje fun-

ciona o Juizado Especial. O prédio pertencia ao Governo do Estado, mas o hotel era de propriedade do major Theodorico Bezerra. O Grande Hotel funcionou de 1939 a 1987 e hospedou, durante a 2ª Guerra Mundial, grandes personalidades e soldados americanos.

O próprio major Theodorico foi dono de outros três hotéis também na Ribeira. O Hotel dos Leões, que funcionava no Largo do Teatro Alberto Maranhão, o Hotel Avenida, que hoje é a Igreja Universal e o Hotel Internacional (onde atualmente é o escritório da Ecocil).



SANEAMENTO BÁSICO: importância e desafios

Obra que promove melhoria na saúde pública ainda tem índices baixos no Brasil. Curitiba é, até o momento, a capital mais saneada do país, mas Natal deve ultrapassá-la

Por Alice Lima

MUITO SE FALA SOBRE a importância de uma cidade ser saneada. Embora necessária, o Brasil está longe de ser exemplo em execução da obra a qual tem a maior parte sobre a terra e não se vê. Para explicar o assunto e as consequências de sua falta, a Organização Mundial de Saúde adverte: “o saneamento básico é o gerenciamento ou controle dos fatores físicos que podem exercer efeitos nocivos ao homem, prejudicando seu bem-estar físico, mental e social”.

Ainda segundo a OMS, 88% das mortes por diarreias no mundo são causadas pelo saneamento inadequado. Um estudo do Instituto Trata Brasil mostrou que o País convive com centenas de milhares de casos de internação por diarreias todos os anos (400 mil casos em 2011, sendo 53% de crianças de 0 a 5 anos), muito disso devido à falta de saneamento.

De modo geral, saneamento é o conjunto de medidas que visa preservar ou modificar as condições do meio ambiente com a finalidade de prevenir doenças e promover a saúde, melhorar a qualidade de vida da população e a produtividade do indivíduo, além de facilitar a atividade econômica. Essas medidas devem ser adotadas pelos três níveis de governo (Municipal, Estadual e Federal) e contemplar o abastecimento de água tratada; coleta e tratamento de esgoto; limpeza urbana; manejo de resíduos sólidos



Segundo a OMS, 88% das mortes por diarreias no mundo são causadas pelo saneamento inadequado

e drenagem das águas pluviais. Direito assegurado pela Constituição e definido pela Lei nº. 11.445/2007, o saneamento básico engloba todo esse conjunto de serviços.

Ter saneamento básico é um fator essencial para um país poder ser chamado de desenvolvido. Dados do sistema Nacional de Informações sobre Saneamento do ano de 2013 mostram que 48,6% da população têm acesso à coleta de esgoto e mais de 100 milhões de brasileiros não têm. A porcentagem, no entanto, sofre consideráveis variações de acordo com a região. Em relação ao tratamento de

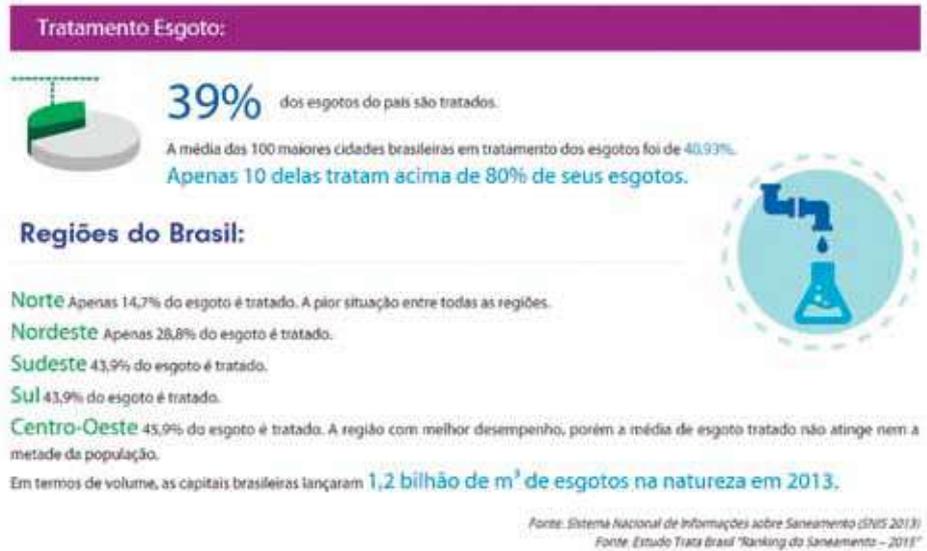
esgoto, 39% dos esgotos do Brasil são tratados na média geral. Contudo, a região Norte tem apenas 14,7% do esgoto tratado e, a região Centro-Oeste, 45, 9%.

De acordo com informações do Ministério das Cidades, em 2013, os investimentos totais em saneamento no Brasil foram da ordem de R\$ 10,47 bilhões, sendo que 100 cidades foram responsáveis por investimentos da ordem de R\$ 5,0 bilhões (48%). Já a arrecadação com os serviços no País foi de R\$ 40 bilhões, mas em 100 cidades o valor foi de R\$ 24 bilhões (59% do total).

Casos de sucesso

O Instituto Trata Brasil é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), formado por empresas com interesse nos avanços do saneamento básico e na proteção dos recursos hídricos, que promove pesquisas e disponibiliza informações mapeadas sobre o assunto. Uma das divulgações contempla um ranking com os casos de sucesso de cidades brasileiras no que se refere a saneamento básico. O objetivo é mostrar que é possível e necessário realizá-lo e apresentar também os benefícios que as ações planejadas trazem às pessoas.

No ranking atual, que expõe os municípios com os maiores índices de saneamento, há 12 cidades. Todas estão nas regiões Sul e Sudeste. Do Sudeste estão Uberlândia (MG), Taubaté (SP), São José dos Campos (SP), São José do Rio



Preto (SP), Santos (SP), Jundiaí (SP), Franca (SP) e Niterói (RJ). Do Sul, Maringá, Londrina, Cascavel e Curitiba, todas do Paraná.

Única capital da lista, Curitiba tem os melhores índices de coleta de esgoto e abastecimento de água dentre as capitais. Des-

de 2010, 100% de sua população tem atendimento de água. O índice de coleta de esgoto é de 99% e, o de tratamento de esgoto, chega a 88,44%. O dado que mede as perdas na distribuição de água de Curitiba é de 39,29%, número que precisa diminuir.



Divulgação/Sanepar

Instalações da Sanepar são exemplo no Brasil

A Companhia de Saneamento do Paraná (Sanepar) é a responsável pelo saneamento básico do município. Os investimentos em água, de 2011 a abril de 2015, foram de R\$ 185 milhões e, em esgoto, durante o mesmo período, R\$ 218 milhões. A Sanepar foi a primeira companhia de saneamento latino-americana a ter o certificado de qualidade ISO 9002 e de qualidade ambiental ISO 14001, mantidos até hoje.

Os resultados positivos alcançados pelo município se devem ao fator planejamento. Todas as decisões relacionadas a saneamento seguem as diretrizes apontadas nos Planos Diretores, revisados e atualizados a cada 10 anos para um horizonte de planejamento de 30 anos. Além dos aspectos técnicos, os estudos também são orientadores das demandas de investimento, seus respectivos cronogramas e até o impacto na composição tarifária da empresa.

Segundo a Sanepar, o esgoto coletado é totalmente tratado nas cinco estações em operação. Uma das ações de impacto positivo é o Programa de Despoluição de Rios Urbanos (PRRU), responsável pelo monitoramento da qualidade da água dos rios de Curitiba com o objetivo de diagnosticar e corrigir problemas estruturais nas redes, coletores e interceptores do sistema de coleta.



Gerente geral da Região Metropolitana de Curitiba e Litoral, Celso Thomaz explica que os bons números são resultado de planejamento contínuo

O fator mais problemático para a companhia é o mau uso do serviço pela população, que a Sanepar busca soluções por meio de campanhas de educação ambiental e vistorias técnicas ambientais nas instalações internas dos imóveis, com o apoio da Prefeitura de Curitiba.

“Planejamento e gestão eficientes geram ações tecnicamente corretas no tempo e na medida certa. Os resultados aparecem em termos de qualidade de serviços e preço justo”, afirmou o gerente geral da Região Metropolitana de Curitiba e Litoral, Celso Thomaz. O desafio da empresa é universalizar também os serviços de esgoto em todos os municípios do Paraná operados pela Sanepar, tal como já acontece com o abastecimento de água.



Empresa busca combater o mau uso da água com campanhas educativas constantes

Natal 100% saneada

A capital o Rio Grande do Norte ocupou a 76ª posição no ranking que mediu a situação das 100 maiores cidades brasileiras em relação aos índices de saneamento básico na pesquisa do Trata Brasil. Os dados mostram que 95% da água é tratada, 36% da população tem acesso à coleta de esgotos, 27% do esgoto é tratado e o índice de perda de faturamento está em 47%.

A realidade da cidade, no entanto, está em processo de mudança. As obras de esgotamento sanitário realizadas em Natal desde maio de 2015 irão deixar a capital 100% saneada com prazo de finalização de dois anos, de acordo com a expectativa exposta pelo Governo do Estado e pela Companhia de Águas e Esgoto do Rio Grande do Norte (Caern).

Dividida por lotes, dois na região Norte e outros dois na Sul, a primeira etapa é o processo de interligação com as tubulações, que têm a função de retirar o esgoto dos domicílios para as estações. Além da instalação de mil quilômetros de tubulação, o projeto envolve também a construção de duas estações de tratamento de esgoto, sendo uma na zona Norte e outra na zona Sul, consideradas dois outros lotes. As obras da zona Sul estão sob a responsabilidade das construtoras HLCCC, DoisA e Constem, e na zona Norte pelas Ecocil e A. Gaspar.

As obras na região Sul estão



ACS/Caern

Paulo Vieira, coordenador do Grupo de Acompanhamento de Obras da Caern (GAO)

ocorrendo nos bairros de Candelária, Capim Macio, Lagoa Nova, Ponta Negra, Neópolis, Dix-Sept Rosado, Pitimbu, Felipe Camarão, Guararapes, Planalto, Parque das Dunas, Cidade Nova. E o esgoto coletado será tratado na Estação de Tratamento de Esgotos Jundiáí/Guarapes. As da região Norte estão concentradas em todos os bairros da localidade, o que vai beneficiar aproximadamente 302 mil habitantes de uma região que conta com apenas 3% de cobertura no momento.

De acordo com o coordenador do Grupo de Acompanhamento de Obras da Caern (GAO), Paulo Vieira, dos mil quilômetros

de tubulações previstos, 215 foram instalados nos oito meses de obras executados. Com recursos garantidos pelo Ministério das Cidades, o projeto orçado em 696 milhões de reais, dos quais quase 36 milhões já foram investidos, segue de maneira positiva. Até o momento, todas as licenças para a realização das obras foram autorizadas, com exceção da licença para construção da Estação de Tratamento de Esgotos (ETE) da zona Norte, que está em fase de tramitação no Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente. O órgão pediu mais esclarecimentos que, segundo Paulo, já foram encaminhados.



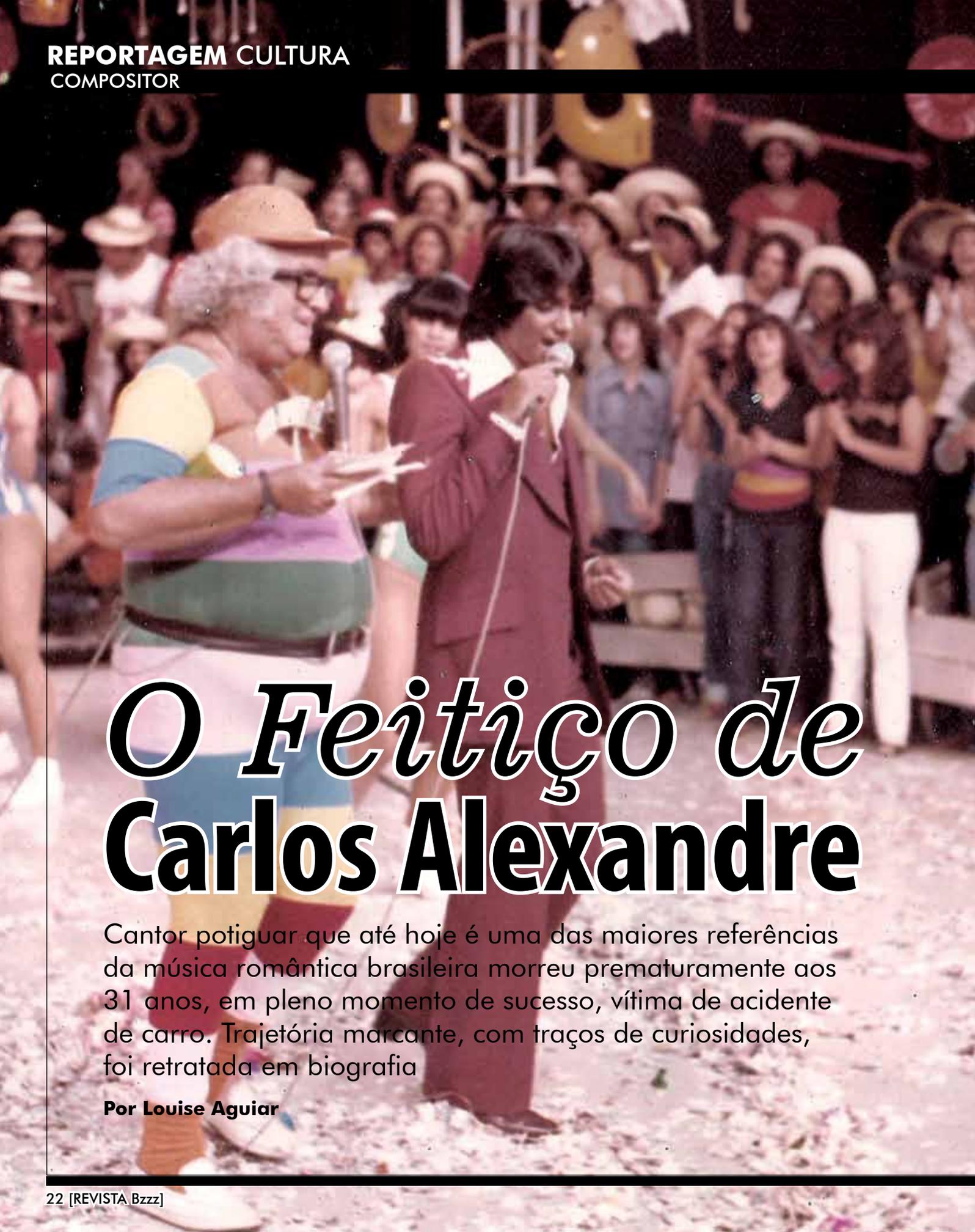
Dos mil quilômetros de tubulações previstos, 215 foram instaladas

A previsão é que no início deste ano comece a construção das estações elevatórias de tratamento de esgoto. Também chamadas de estação de bombagem, estes equipamentos são usados quando as águas residuais têm que ser deslocadas de um nível baixo para um mais elevado, para que possam fluir pela tubagem do sistema de rede de esgotos ou quando a topografia não permite a ação da gravidade. São providas de bombas hidráulicas e tanques que elevam a pressão do líquido presente no sistema de captação.

São mais de mil trabalhadores que atuam em dois turnos.

O processo tem início com a separação de um trecho de uma rua, que é escavado, tem a tubulação inserida, há a interligação e, no mesmo dia, o trecho que foi aberto é fechado pelos operários. Em algumas situações, como trechos mais longos ou ruas asfaltadas, o fechamento pode acabar ficando para o dia seguinte. “Nosso planejamento é todo feito para abrir e fechar uma rua no mesmo dia, de forma a gerar o mínimo de transtorno para a população”, explicou Marcelo Toscano, diretor presidente da Companhia de Águas e Esgoto do Rio Grande do Norte (Caern), à RevistaBzzz.

Para a grande obra, há um conjunto de envolvidos. Além do órgão estadual, a prefeitura de Natal, por meio de secretarias interessadas, Ministério Público e governo federal acompanham o andamento. Paulo Vieira explica que, uma vez por mês, a Caern se reúne com representantes do município de Natal para o planejamento da execução das etapas. “Temos contribuição e acompanhamento regular da Prefeitura. Após a apresentação inicial, também prestamos as informações para acompanhamento do Ministério Público, por meio da Promotoria de Defesa do Meio Ambiente”.



O Feitiço de **Carlos Alexandre**

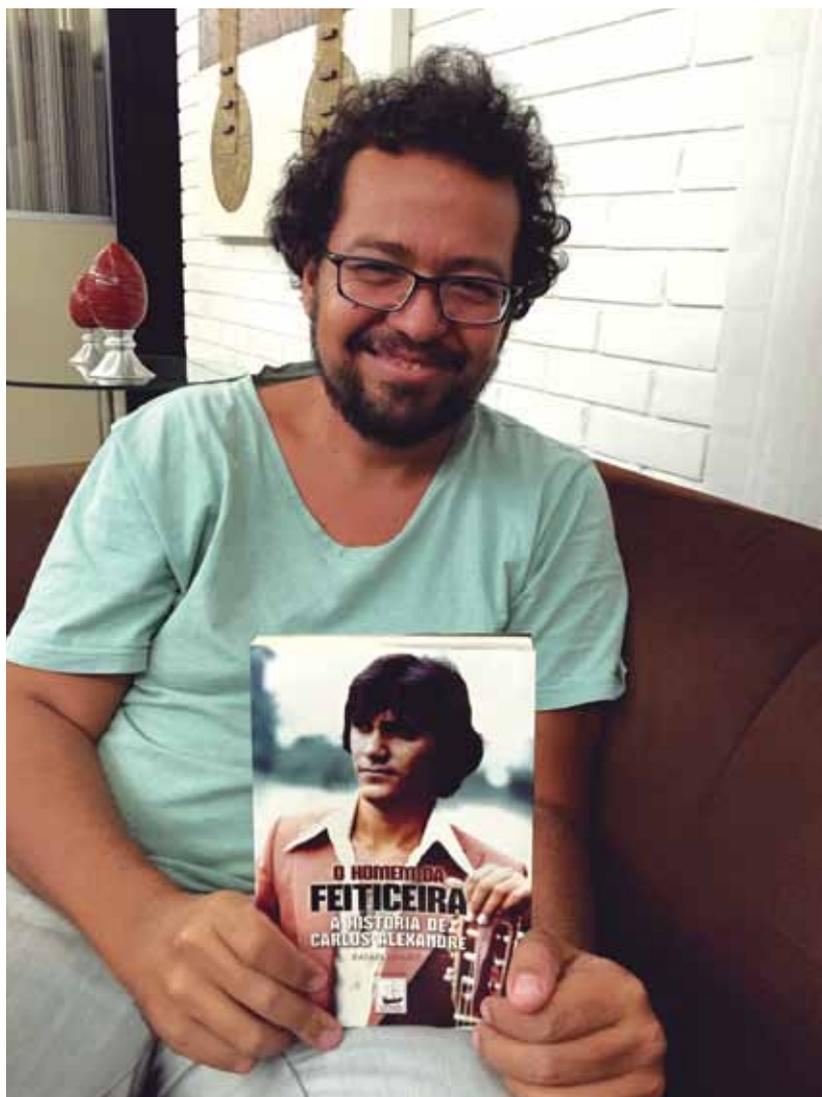
Cantor potiguar que até hoje é uma das maiores referências da música romântica brasileira morreu prematuramente aos 31 anos, em pleno momento de sucesso, vítima de acidente de carro. Trajetória marcante, com traços de curiosidades, foi retratada em biografia

Por Louise Aguiar

OS MAIS NOVOS CERTAMENTE nunca ouviram falar dele, mas quem viveu nos anos 70 e 80 não esquece de “Feiticeira”, “Ciganiinha”, “Arma de vingança” e tantos outros sucessos que marcaram a música popular brasileira. Ídolo nacional do estilo romântico, mas que não conseguiu o devido reconhecimento em sua terra natal, o Rio Grande do Norte, o potiguar Carlos Alexandre morreu há 26 anos, mas sua música segue imortalizada Brasil afora.

Nascido no povoado de Santa Fé, hoje distrito de Jundiá, distante 80 quilômetros de Natal, Pedro Soares Bezerra, nome de batismo de Carlos Alexandre, tem sua vida contada na biografia “O Homem da Feiticeira – a história de Carlos Alexandre”, que o jornalista Rafael Duarte colocou nas ruas ao final de 2015 em uma segunda edição. Com 400 páginas, o livro relata a trajetória meteórica de sucesso do ídolo da música romântica brasileira.

“Ele foi uma das maiores referências da música romântica e brega do Brasil entre 1978 e 1989. GANHOU 15 discos de ouro e um de platina e vendeu mais de dois milhões de discos”, destaca Rafael, que antes de se debruçar sobre o livro ao longo dos últimos três anos, só conhecia o básico sobre o cantor: que ele era compositor e intérprete do sucesso “Feiticeira”, o qual até hoje toca nas festas de brega espalhadas pelo país.



Biografia “O Homem da Feiticeira – a história de Carlos Alexandre” foi escrita pelo jornalista Rafael Duarte

O autor diz que Carlos Alexandre foi, seguramente, o maior artista que o Rio Grande do Norte já teve. Chegou a participar de todos os programas de auditório da época, como Chacrinha, Bolinha e Sílvio Santos. Protagonizou imenso sucesso no eixo Rio-São Paulo, e tudo isso sem abandonar seu reduto e residência em Natal, o bairro popular da Cidade da Esperança.

“

Ele foi uma das maiores referências da música romântica e brega do Brasil entre 1978 e 1989. GANHOU 15 discos de ouro e um de platina e vendeu mais de dois milhões de discos.”

“Foi um grande sucesso para uma parcela da população que infelizmente não é considerada quando vão escrever sobre música popular brasileira”, lamenta o jornalista.

Rafael começou a conhecer a história do cantor mais profundamente em 2012, quando foi convidado por José Correia Torres, dono do selo Caravela Cultural, para escrever uma das quatro biografias enquadradas na Lei Municipal Djalma Maranhão. Alguns personagens foram oferecidos ao jornalista, e entre eles estava Carlos Alexandre. “A única referência que eu tinha dele é a mesma que 99% das pessoas têm: é o cara que fez ‘Feiticeira’. Mas eu não sabia que ele era daqui, só que entendia que tinha feito um grande sucesso no país inteiro”, admite.

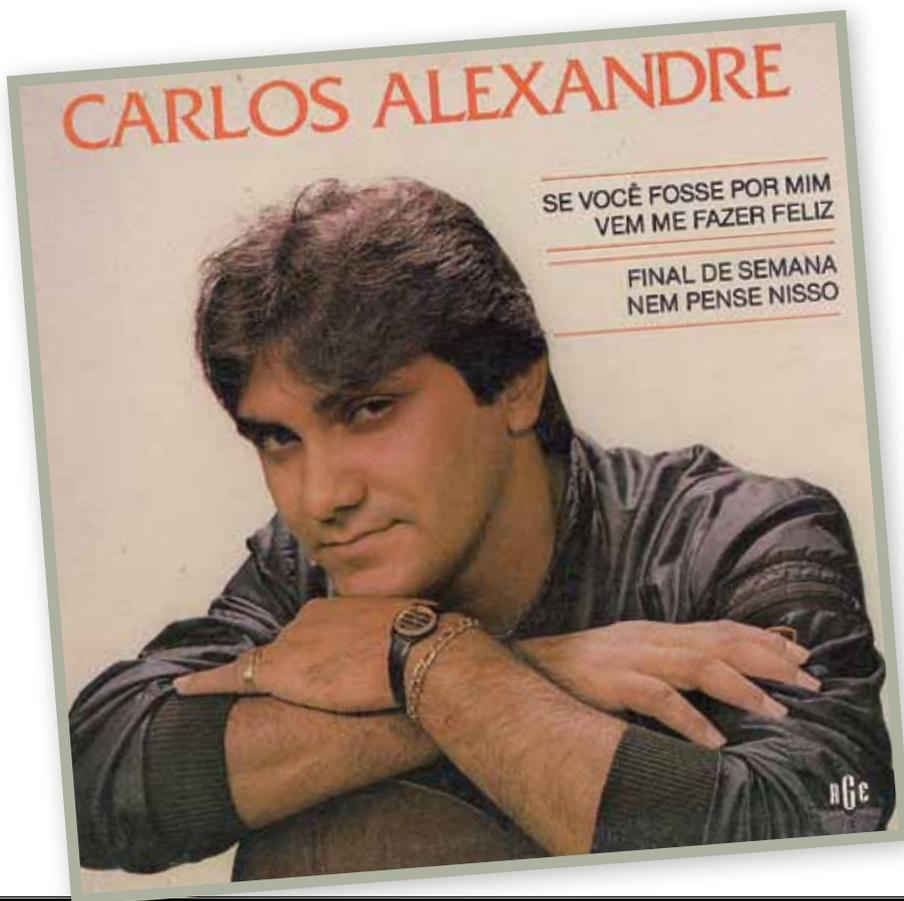
O trabalho durou três anos. Ouviu 61 pessoas. O autor diz que não foi tão difícil encontrar testemunhos porque a maioria das pessoas que conviveu com o cantor está viva. Os primeiros a serem procurados foram os familiares, Solange Melo, a viúva, e os três filhos: Germina, Carlos Alexandre Júnior e Carlos Adriano, que se mostraram muito receptivos. A única dificuldade foi lidar com a memória dos entrevistados, que passados tantos anos, não tem como não falhar.

“Estamos contando uma história que começa nos anos 50 e termina em 1989, são quatro déca-

“
Pretendi e acho que consegui contar uma história incrível de um cara que foi uma das principais referências do país na área dele, embora muita gente torça o nariz e Natal tenha sempre o deixado em segundo plano. Ele reclamava, mas também empinou o nariz e ganhou o mundo.”

das. É difícil as pessoas lembrarem de tudo exatamente como aconteceu”, explica o jornalista. Apesar de reconhecer que não pertence ao mundo da música romântica e brega, Rafael faz questão de ressaltar que se trata de uma história incrível e que merece ser contada.

“Pretendi e acho que consegui contar uma história incrível de um cara que foi uma das principais referências do país na área dele, embora muita gente torça o nariz e Natal tenha sempre o deixado em segundo plano. Ele reclamava, mas também empinou o nariz e ganhou o mundo. Em Pernambuco, por exemplo, era muito mais conhecido do que aqui”, conta o autor.





Com uma infância difícil, Carlos Alexandre morou em várias cidades e passou por três famílias

A infância pobre

A história de Carlos Alexandre começa em 1957, quando ele nasce no povoado ermo de Santa Fé, hoje distrito de Jundiá, sendo o sétimo de oito filhos. Na época, o Rio Grande do Norte vivia uma seca severa e seu pai, assim como milhares de agricultores, resolve deixar a família e tentar a vida em São

Paulo. A mãe, sem trabalhar e com grandes dificuldades para criar os oito filhos, resolve “distribuí-los” em casas de compadres e conhecidos.

“Cada filho fica em uma casa diferente e Carlos Alexandre, na época com meses de idade, vai para a casa da avó paterna”, conta Rafael. Só que uma tia

dele, que não se relacionava bem com seu pai, passou a se opor à permanência do menino em casa. Quando Dona Bertolina, avó dele, descobre que há uma família em Nova Cruz à procura de uma criança para adoção, oferece o bebê para ser criado por esta família. Segundo o autor, com dois anos de idade, Carlos

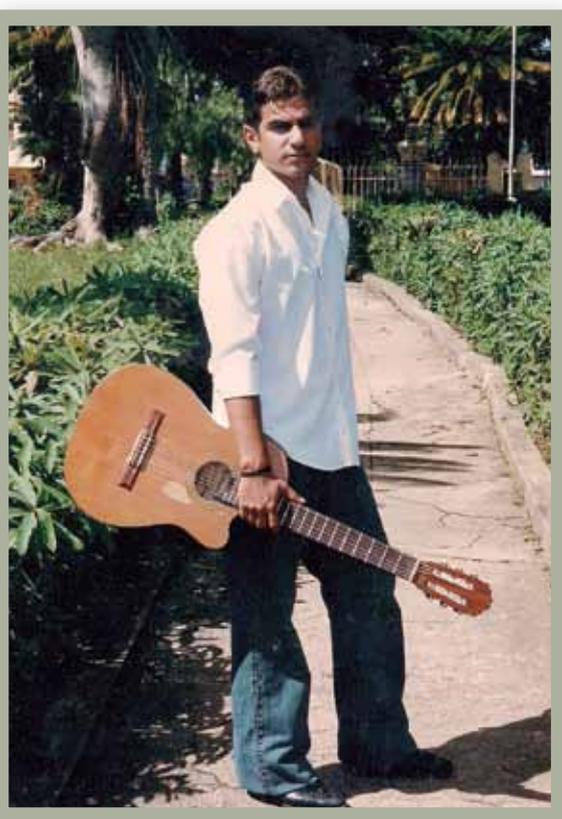
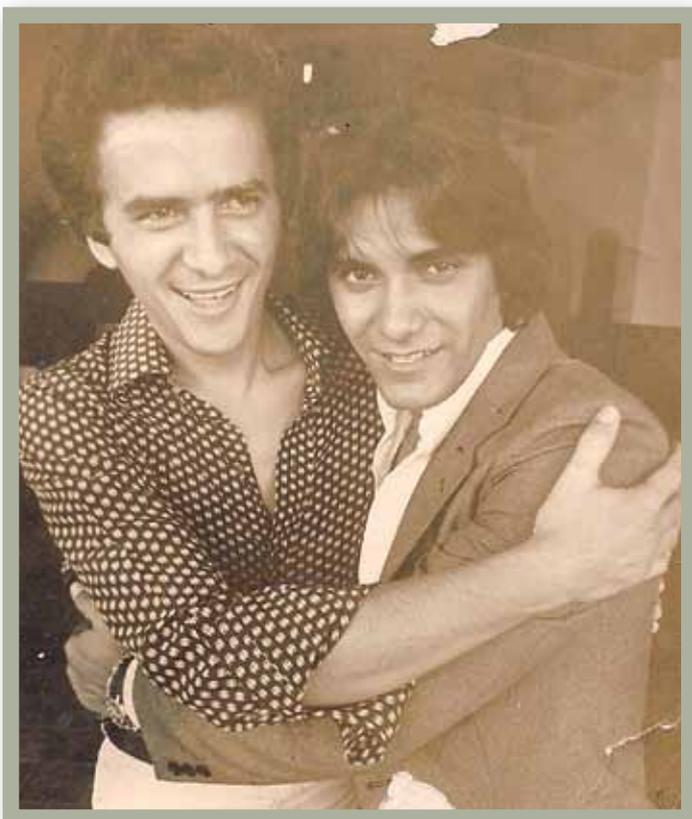
Alexandre já tinha passado por três famílias diferentes. “E isso vai marcá-lo para sempre”, frisa.

A família adotiva decide então se mudar para Jacaraú, na Paraíba, e é lá que o menino cresce. Nesse meio tempo, a mãe biológica decide vir trabalhar em Natal como empregada doméstica e depois de juntar um dinheiro sai em busca de cada filho para reunir a família. O único que não é resgatado é Carlos Alexandre. Sem saber o paradeiro do menino, a mãe refaz a vida sem o herdeiro. O garoto passa dos dois até os 16 anos de idade sem qualquer contato com a família biológica.

É só com 16 anos que Pedrinho, como era conhecido, resolve ir para Natal, trabalhar na mercearia de sua irmã adotiva. Como não podia viajar sozinho pela idade, seu pai adotivo decide registrá-lo em Jacaraú com dois anos a mais e coloca a cidade de nascimento como sendo Nova Cruz. Surgem aí dois equívocos que confundiriam as pessoas até depois da morte do artista.

“Em todo lugar está escrito que ele nasceu em Nova Cruz por causa desse registro, mas na verdade ele é filho de Santa Fé. E como o pai adotivo alterou a idade dele em dois anos, quando ele morreu a imprensa checkou os documentos e noticiou que ele tinha 33 anos, mas na verdade ele morreu aos 31”, detalha Rafael Duarte.





Ao lado de Carlos Alberto de Sousa, considerado seu padrinho na música

Carreira meteórica

Somente aos 20 anos é que Carlos Alexandre tem sua primeira chance como cantor. Foi por meio do ex-senador e apresentador Carlos Alberto de Sousa, que no fim dos anos 70 costumava garimpar novos artistas em seu programa de rádio e levá-los para fazer caravanas pelo interior do estado. Conforme conta o autor da biografia, o músico era o que se chamava na época de “peru de rádio”, ficava ali sempre rondando os locutores em busca de uma chance para tocar uma de suas músicas.

“Carlos Alberto era chamado de o Sílvio Santos do Nordeste e é tão importante para o Carlos Alexandre que o livro tem um capítulo só para ele. Um certo dia ele anuncia que está procurando cantores populares para levar para a gravadora RGE para gravar um compacto e participar das caravanas pelo interior. É a chance dele”, conta Rafael Duarte.

É quando Solange Melo, na época ainda namorada de Pedrinho, decide junto com ele procu-

rar Carlos Alberto. Vão até a casa dele levando uma fita gravada com duas músicas – “Arma de Vingança”, que ele tinha composto para a amada, e “Vá pra cadeia”. Quando o apresentador começa a ouvir a segunda, o que sai do rádio é o seguinte refrão: “Agora vá pra cadeia/Eu não quero mais te ver/É a polícia te levando/Eu fico aqui zombando com seu jeito de viver/Agora vá pra cadeia/Que o mundo é moderno/Já não te quero mais/Vá morar com Satanás lá nas grades do inferno”.

“Carlos Alberto desliga o som indignado. Solange pede muitas desculpas e Pedrinho sai de lá muito cabisbaixo, mas o apresentador resolve dar a ele uma nova oportunidade. É quando a vida dele muda definitivamente”, lembra Rafael. Antes de sair da casa do radialista, Solange o ouve falando ao telefone sobre a tradicional doação de cadeiras de rodas que fazia. O projeto teria continuidade, pois era ano de campanha eleitoral e Carlos Alberto disputaria uma vaga para deputado federal.

A namorada então sugere que ele faça uma canção com o

tema. É aí que surge a “Canção do Paralítico”, que se tornaria depois o hino da campanha de 78 de Carlos Alberto. De acordo com Rafael Duarte, Solange conta que na visita seguinte em que os dois levam a fita com “Arma de Vingança” e “Canção do Paralítico”, o apresentador fica tão encantado que o contrata na hora. É nessa época que ele deixa de ser Pedrinho e se torna Carlos Alexandre, nome artístico que o fez conhecido no Brasil inteiro.

Pouco depois ele estava em São Paulo para gravar o disco compacto na RGE, conforme

prometido por Carlos Alberto. No disco foram gravadas as duas canções que tinham sido mostradas ao apresentador. Porém, a gravadora descreditava tanto do artista potiguar que colocou o compacto na rua sem capa. Não demora muito para que a gravadora entre em contato com a produção do cantor e peça para ele fazer fotos. “A essa altura as vendas já estavam surpreendendo”, frisa o autor. Dois meses depois a RGE liga dizendo que quer gravar um disco completo (LP), porque Carlos Alexandre já estava no topo das paradas de sucesso.



As apresentações do cantor romântico eram sempre lotadas, com fãs apaixonadas pelo artista



À esquerda, disco lançado no auge do sucesso e, à direita, o adeus dos fãs e familiares

No topo das paradas e morte precoce

O cantor e compositor potiguar Gilliard, que nessa época era produtor de Carlos Alexandre e também trabalhava com Carlos Alberto, junta-se a ele e outros músicos e no espaço de uma hora vaga na programação da Rádio Cabugi AM gravam 14 músicas e mandam para a RGE para compor o LP. Pouco tempo depois, quando Gilliard e Carlos Alberto voltam a São Paulo, encontram o diretor da gravadora, que lhes diz que o potiguar de Cidade da Esperança está estourado no Brasil inteiro. Era o grande sucesso: “Feiticeira”, que desde que foi lançado, em 1978, vendeu quase 1 milhão de cópias.

Carlos Alexandre ganhou muito dinheiro, mas também gastou na mesma compulsão. Era apaixonado por carros e dizia que era piloto. Em dois anos, teve 36 carros diferentes. Os amigos e familiares contam que se aparecesse um arranhão sequer no veículo, ele já era

passado para frente. Havia uma loja de carros no Alecrim que era também uma equipadora, e todos os carros dele quando saíam da loja iam direto para lá passar por uma verdadeira cirurgia: tinham as rodas trocadas, era colocado um teto solar, o som mais moderno da época e feito o rebaixamento da suspensão.

O cantor gastou tanto dinheiro ao longo de sua carreira que quando morreu, em janeiro de 1989, só deixou para a família uma casa na zona Norte e outra na Cidade da Esperança, em Natal. A sua morte trágica, inclusive, foi motivada pela sua paixão por velocidade. Um dos sobreviventes do acidente, o amigo Berg, confessou a Rafael Duarte que a última lembrança que tem daquele dia é do velocímetro do Opala, que marcava 190 km/h. Carlos Alexandre e mais quatro amigos, que faziam parte de sua produção, voltavam de um show em Pesqueira (PE),

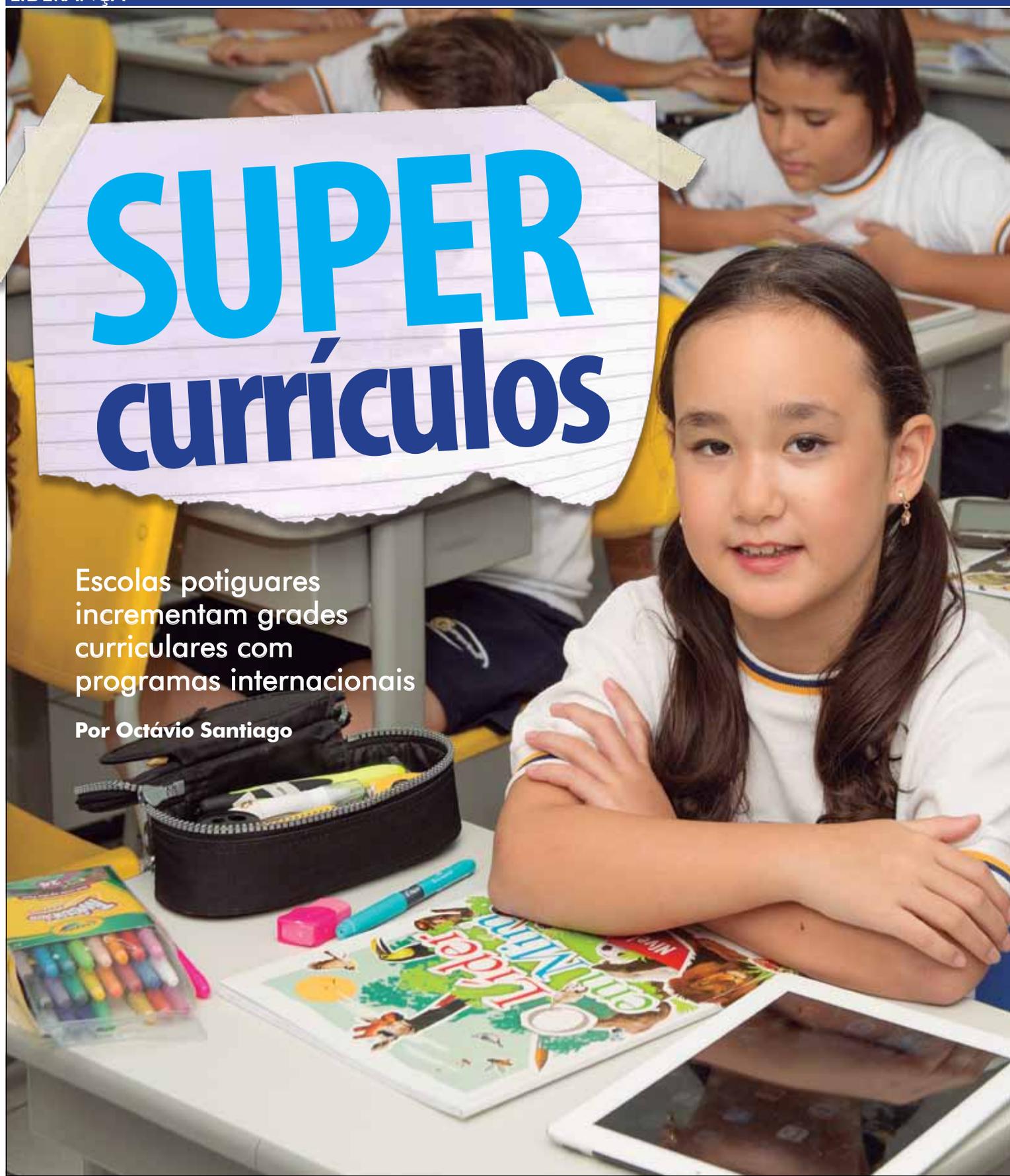
quando sofreram o grave acidente entre São José do Campestre e Tangará, que matou três dos cinco ocupantes do carro.

Na noite anterior, o cantor seria o último a se apresentar na cidade, depois dos shows de Agnaldo Timóteo e Reginaldo Rossi. “Ele já tinha feito quatro shows na grande Recife naquela noite e quando acabou este último, às 6h20, todos estavam muito cansados. Pediram para ele descansar no hotel, mas ele queria chegar logo em casa. Depois de Belém (PB), decidiu trazer o carro e o acidente aconteceu”, diz Rafael. Nessa noite em Pesqueira, Carlos Alexandre fez algo que já não fazia mais: cantar músicas de outras pessoas. Envolveu a plateia com “Noite do meu bem”, de Dolores Duran e, por incrível que pareça, encerrou o show com “Quem parte leva saudade”. Era o adeus de uma voz que nunca mais seria esquecida. Pelo Brasil.

SUPER currículos

Escolas potiguares incrementam grades curriculares com programas internacionais

Por Octávio Santiago



FOI-SE O TEMPO DO básico, do feijão com arroz da sala de aula, do português e matemática sem guarnições. Motivadas pela busca dos pais por diferenciais curriculares, escolas Brasil afora incrementaram suas grades e recorreram a programas renomados internacionalmente, a fim de responder essa demanda. A dinâmica se repetiu em Natal e foi dos Estados Unidos que veio uma das novidades já posta em prática.

O programa em questão é “O Líder em Mim”, ao qual o Complexo Educacional Contemporâneo, em Natal, aderiu recentemente. Com raízes norte-americanas e trazido para terras tupiniquins pelo grupo Abril Educação, sua proposta é baseada no livro “Os 7 Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes”, de Stephen R. Covey, e entende a liderança como a chave para o sucesso.

Segundo a diretora da escola, Irany Xavier de Andrade, trata-se de um programa com conteúdo, metodologia, material didático e treinamento para crianças e adolescentes aprenderem como ser líder. “É um eficaz processo de mudança comportamental para alunos e educadores, fundamentado em teorias sérias do desenvolvimento humano e com profundo impacto em toda a instituição escolar. É uma forma de fazer o que já era feito só que de um jeito melhor, com esse objetivo claro”, explica ela.

Irany também conta ser



Para a professora Irany Xavier, diretora do Contemporâneo, o envolvimento da família é essencial

essencial o envolvimento da família nesse processo de formação de líderes, fazendo da convivência em casa uma extensão do que é trabalhado em sala de aula. “Um dos hábitos trabalhados, por exemplo, é a mentalidade ganha-ganha, que trata da busca por soluções que sejam reciprocamente benéficas para todas as partes e para isso os pais precisam estar diretamente envolvidos e em consonância com a proposta do programa”, argumenta a educadora.

Para Lisana Medeiros de Oliveira, mãe de Natália, de oito anos, a chegada do programa trouxe efeitos imediatos. “Natália passou a priorizar as atividades

de casa e fazê-las antes do lazer. Além disso, ela se tornou muito mais participativa nas atividades da escola e fora dela também. Um reflexo imediato”. Lisana está no grupo dos 80% dos pais que aprovaram “O Líder em Mim” nas 1.700 escolas onde o programa já acontece, no Brasil e em outros 35 países.

Há ainda instituições de ensino que já nascem em consonância com metodologias pedagógicas detentoras de raízes fora do país. É o caso da Maple Bear, também em Natal, que utiliza as práticas da educação bilíngue canadense, tida como a melhor do mundo. Isso porque o Canadá ocupa o topo da lista do PISA

(Programme for International Student Assessment), programa internacional que produz indicadores sobre a efetividade do ensino nas áreas de matemática, leitura e ciências.

De acordo com Anita Januário, diretora da escola, por meio da dinâmica canadense, as crianças desenvolvem competência em inglês, imersas num processo de

aprendizagem contínua. “São desenvolvidas habilidades de compreensão, comunicação e escrita de forma natural no outro idioma”, explica Anita. Tratam-se de incrementos importados e adaptados à realidade local que atendem um público interessado em turbinar o currículo dos filhos com iniciativas exitosas mundo afora.

Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes

- 1 Ser proativo;
- 2 Começar com o objetivo em mente;
- 3 Primeiro o mais importante;
- 4 Mentalidade ganga-ganha;
- 5 Procure primeiro compreender, depois ser compreendido;
- 6 Criar sinergia;
- 7 Afinar o instrumento.

Coaching educacional

Fora da escola, é também do exterior que vem um processo cada vez mais demandado hoje em dia por potiguares: o coaching. Com o objetivo de facilitar a aprendizagem e o desempenho de outra pessoa por meio da utilização máxima do seu potencial, a ferramenta é procurada por pessoas que buscam alcançar resultados. Diante de relatos positivos de aprovados em concursos públicos, crianças e adolescentes já surgem como consumidoras desse novo serviço.

A coach Roberta Gomes, da MINDS Consultoria, explica que, para esse público, o foco é despertar para um novo pensamento sistêmico, por meio do coaching educacional, esclarecendo na prática como certas lógicas de raciocínio facilitam a ocorrência de êxito. A ideia, segundo ela, é transformar o problema em um objetivo para a criança ou adolescente.



Escola bilingue canadense desenvolve métodos referência em educação no mundo

Para o jovem que irá prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), Roberta explica que ele também precisa administrar decisões com maior assertividade e se manter em um estado de equilíbrio emocional, o que torna

o acesso ao serviço mais necessário. “Esse jovem também irá construir estratégias mentais capazes de fortalecê-lo diante de todas as cobranças e expectativas externas que são despejadas sobre os seus ombros”, argumenta a coach.



Educação Financeira

A grade curricular também pode ganhar brevemente um incremento determinado em Lei. Já tramita na Câmara dos Deputados, em Brasília, uma proposição do deputado federal Rafael Motta (PSB-RN) para tornar obrigatório o ensino de Educação Financeira tanto em escolas públicas quanto particulares.

Na justificativa do parlamentar, uma pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas (CNDL), no ano passado, que mostra que oito em cada dez brasileiros não possuem controle total sobre as suas despesas pessoais.

“A Educação financeira possibilita que os cidadãos melhorem a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos



Deputado federal Rafael Motta apresentou PL para que Educação Financeira faça parte de grade curricular

financeiros. Sabe-se que com informação e orientação, é possível adquirir consciência sobre oportunidades e riscos, para fazer es-

colhas assertivas e sustentáveis em relação à administração dos próprios recursos”, explicou o deputado Rafael Motta.



Moema ENSINA A VIVER

Pedagoga paraibana, que fincou raízes em Natal e formou família com escritor e advogado Diógenes da Cunha Lima, deixou uma verdadeira lição de vida e hoje dá nome a uma das maiores avenidas da Zona Norte da capital potiguar

Por Louise Aguiar

Fotos: Arquivo pessoal e Louise Aguiar

QUEM PASSA PELA ZONA Norte de Natal e vê na placa o nome da Avenida Moema Tinoco da Cunha Lima não imagina a história que existe por trás da mulher que dá nome à via. Lembrada em uma escola da cidade, homenagem que também pode ser vista em uma instituição de João Pessoa, capital onde nasceu, Moema foi uma mulher de destaque na sociedade natalense, conhecida por seus trabalhos voltados às pessoas carentes e personalidade forte e bem-humorada. Uma das fundadoras da Associação de Orientação aos Deficientes (Adote) e primeira esposa do escritor e advogado Diógenes da Cunha Lima, Moema deixou verdadeiras lições de vida a quem a conheceu.

“Moema era uma professora nata. Ela ensinava as pessoas a viver”, define Diógenes, que conheceu Moema quando ela ainda tinha 15 anos. Nascida em 4 de junho de 1947, ela era filha de uma prima da mãe do advogado, dez anos mais velho que a moça. “Quando a vi a primeira vez, me encantei. Disse a ela que fosse crescer e criar juízo que mais na frente eu me casaria com ela”, conta.

Quando Moema voltou a Natal pela segunda vez, já estava mais velha e novamente se encontrou com Diógenes. Ele conta que sentiu o mesmo encantamento de quando a viu pela primeira vez. Ao encontrá-la, o escritor apostou uma caixa de chocolate da Kopenhagen que namoraria, noivaria e casaria com ela dentro de um ano. Ela disse

que jamais aceitaria, mas entrou na aposta mesmo assim.

“No dia seguinte cheguei com a caixa e disse que ela tinha ganhado a aposta, que eu desistia do casamento. Fui embora. No dia seguinte ela me ligou e começamos a namorar”, conta Diógenes aos risos. O advogado foi até João Pessoa pedir a mão da mulher em casamento e logo se aproximou de seus pais, irmãos e familiares. O casamento aconteceu pouco depois em um convento de frades, no alto de Cabo Branco, orla da capital paraibana.

“Ela era absolutamente fantástica e tínhamos um amor muito

devotado”, frisa. Como padrinhos de casamento os dois tiveram o historiador Luís da Câmara Cascudo, Onofre Lopes, José Augusto Delgado e Chicó Pinheiro. Uma história engraçada é lembrada por Diógenes durante a cerimônia: o frade começou a falar que o marido era o chefe da sociedade conjugal e a mulher deveria seguir tudo que o esposo dissesse. “Enquanto ele falava isso, eu soprava no ouvido dela ‘preste atenção.’ Teve uma hora que ele exagerou e disse que a mulher deveria ser submissa ao marido. Ela balançou o véu negando e Cascudo puxou uma risada alta que a igreja toda não se aguentou”, lembra.



Moema ao lado dos filhos e do marido, Diógenes da Cunha Lima

Este é apenas um exemplo que traduz a personalidade de Moema descrita pelo marido, filhos e amigos próximos. De temperamento forte, mas muito descontraindo e espirituosa, foi com muito bom humor que Moema encarou a doença que paralisou todo seu corpo e a manteve numa cadeira de rodas por 18 anos. Vítima de uma doença congênita degenerativa, mas que na época obteve diferentes diagnósticos, ela foi perdendo os movimentos até que só conseguia mexer apenas o pescoço. Mas a deficiência nunca a limitou.

“Ela dizia que as pernas delas eram as nossas pernas”, lembra o filho do meio, hoje advogado e empresário, Diógenes Neto. É dele também uma história inusitada sobre a mãe e uma namorada sua da adolescência. Depois de namorar um bom tempo com uma moça chamada Flávia, e que era muito querida por Moema, Diógenes começa a namorar outra e resolve levá-la para apresentar à mãe.

“Eu sabia que ela gostava muito de chocolate Kopenhagen, então comprei uma caixa para a menina levar de presente. Ela chegou à minha casa e fez questão de ser simpática com mamãe, falou das histórias dela que eu contava e entregou os chocolates Nhá Benta. Então mamãe disse: ‘meu filho, saia que eu quero ter um papo de mulher para mulher com ela’. Eu saí de perto, mas ouvi quando mamãe disse: ‘a última namorada do meu filho era mais bonita que



A jovem Moema em sua Primeira Comunhão

você e não venha querer me comprar com dois chocolates’. Quando eu voltei a menina estava sem cor”, lembra às gargalhadas.

O episódio não parou por aí. Quando Diógenes contou a Moema que a então namorada era filha do dono de uma padaria, ela viu que poderia fazer as pazes com a então nora. “Mamãe todo sábado distribuía sopa para as grávidas de Mãe Luiza. Então eu dei a ideia de ela pedir o pão à família da minha namorada”, conta. No dia seguinte, Moema foi até à padaria e perguntou à moça: “você quer fazer as pazes comigo? Então quero que você me doe 30 pães todo sábado sem custo nenhum, independente do prazo que você namore com meu filho. Aí você passará a ser aceita na minha casa”.

Diógenes Neto conta que o namoro terminou um mês depois,

mas que a julgar pela determinação da mãe, a ex-namorada deve ter continuado doando os pães por muito tempo. Além da personalidade forte, Moema era também muito espirituosa. Outra história engraçada lembrada pelo filho é de quando seu pai, Diógenes, levou o amigo Kalazans Fernandes, à época secretário estadual de Educação, para almoçar em sua casa. O problema foi que eles chegaram às 15h.

“Eles foram recebidos com a seguinte frase de mamãe: doutor, neste horário até minhas cachorras já almoçaram. Se o senhor quiser, vá para a cozinha que eu peço para dividir o prato do meu marido, porque eu não vou fritar mais nem um ovo”. Outra vez, o empresário Roberto Marinho, todo-poderoso da Rede Globo, esteve na casa de Diógenes para um jantar, no qual também estava presente o então

ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel. Como se tratava de um período de ditadura militar, os policiais tiveram que revistar a casa inteira para prevenir ameaças de bomba contra o ministro.

“Mamãe estava em casa quando entraram dois agentes e começaram a vasculhar o quarto. Ela vai e pergunta o que eles estão fazendo lá. Quando explicam a situação, ela sai com essa: vocês podem se retirar do meu quarto porque a única bomba que tem aqui sou eu!”. Além de não ter papas na língua, o filho conta que Moema também não tinha qualquer empecilho que a impedisse de fazer o que queria.

Um certo dia, mesmo paralisada pela doença degenerativa, Moema decidiu que queria andar de ultraleve. Queria ver Natal por cima. Não houve ninguém que a convencesse do contrário: dos filhos ao marido, ninguém a demoveu da ideia. Mas no fundo as pessoas também não acreditavam que ela fosse insistir no passeio. Segundo conta o filho, no dia seguinte ela combinou com o motorista, pegou a sogra em casa e a levou de testemunha. “Ela dizia que tinha que levar minha avó para vê-la voando, senão a gente não acreditaria que ela tinha ido”, lembra o filho.

Também era teimosa. Encampou a luta dos deficientes de Natal para fundar a Adote (Associação de Orientação aos Deficientes) e lutou até conseguir um terreno para erguer a associação. Conforme conta Diógenes Neto,



“

Ela dizia que as pernas delas eram as nossas pernas.”

Diógenes Neto
filho



Avenida que leva o nome de Moema fica na Zona Norte de Natal

Wilma de Faria era prefeita de Natal quando Moema foi incumbida pelos colegas da associação de encontrar o terreno para a sede.

“Mamãe ligou para ela e pediu o terreno, pedido que foi prontamente atendido. Mas se passaram vários meses e nada de o negócio ir pra frente. Ela me mandou descobrir todos os terrenos que pertenciam à Prefeitura de Natal e estavam disponíveis. Escolheu o bairro de Cidade da Esperança e comunicou à imprensa que ali seria

construída a sede da Adote”, lembra o filho do meio.

Hoje, Diógenes Neto sonha em construir próximo à Avenida Moema Tinoco da Cunha Lima um parque temático ecologicamente equilibrado, que abrigaria área verde e unidades habitacionais, em um terreno de 120 hectares. A ideia era erguer um parque que retratasse o folclore nordestino e ao mesmo tempo homenageasse sua mãe, pela localização próxima à avenida na Zona Norte.

“Ela ensinou as pessoas a viver”, diz Diógenes

Para o marido, Moema Tinoco deixou uma lição de vida ímpar, que nunca será esquecida por aqueles que conviveram com ela. Além da contribuição com a Adote, Moema fundou e orientou o Centro de Reabilitação, juntamente com a médica Lenira Bessa e a fisioterapeuta Solange Brandão. “Ela dizia que as clínicas de fisioterapia em Natal eram insuficientes para atender a demanda e decidiu abrir uma junto com as amigas. Era uma pessoa que mesmo com a deficiência que tinha, não se limitava”, frisa.

Na visão do advogado, a quem Moema chamava sempre de Cunha, o que ela fez na vida foi ensinar a viver. “Era uma professora, que sabia ensinar desde o menino até o adulto, dando orientações de vida”, destaca. Formada em Pedagogia pela UFRN, Moema deixou um livro escrito que conta sua história, mas sem título, que posteriormente foi intitulado pelo jornalista Vicente Serejo de “Ensina-se a viver”.

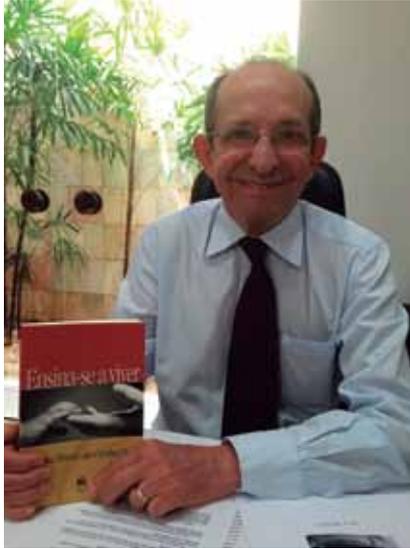
O escritor e advogado também tem muitas histórias curiosas envolvendo a esposa. Uma vez o casal recebeu em casa a irmã de um presidente da República, descrita por Diógenes como bonita, inteligente e ágil. “Moema não gostou porque ela cruzava muito

as pernas”, diz. Segundo ele conta, a esposa desconfiou das intenções da moça e no meio da reunião saiu com essa: “fulana, o jantar está servido. Mas meu marido não está no cardápio!”.

Cunha diz ainda que Moema era encantada pela Zona Norte e tinha um carinho e preocupação muito grandes pelo povo da região. Dona de uma casa grande, com um quintal generoso, adorava os bichos

O casamento de Diógenes e Moema contou com a ilustre presença de Câmara Cascudo como padrinho





“

Era uma professora, que sabia ensinar desde o menino até o adulto, dando orientações de vida.”

Diógenes da Cunha Lima
marido

destaca Diógenes.

Segundo conta o advogado, mesmo em uma cadeira de rodas, Moema dizia que o equipamento era uma coisa formidável. “Porque não precisava engraxar os sapatos e eles estavam sempre novos. Ela dizia também que podia beber vinho à vontade porque nunca ia cair da cadeira e onde chegasse já tinha onde sentar”, conta aos risos.

Apesar de ter ficado paralisada até o pescoço, Moema esteve lúcida até o dia de sua morte. Entre suas realizações, estão um festival de música que ocorreu na casa de Diógenes durante vários anos, que posteriormente se tornou o projeto Memória Musical da UFRN. Nesses festivais, se revelaram cantores como Lucinha Lira e passaram nomes como Tico da Costa, Pery Lamartine, entre outros.

A paixão por festas era uma de suas características. Uma das memoráveis foi o casamento que ela mesma preparou para o motorista, Alcides. “Ela me colocou para dirigir o carro e levar o motorista até a igreja. Ela deu um dia de rei a ele, convidou todas as personalidades e amigos nossos para a festa. Foi uma pessoa absolutamente extraordinária e inesquecível. Um dos meus grandes amores da vida”, finaliza. Diógenes e Moema ficaram juntos por 23 anos. Depois dela, o advogado ainda casou duas vezes. Da primeira união, ficaram os filhos Leila, Diógenes Neto e Cristina.



Na Câmara Municipal, Moema recebe o título de cidadã natalense

e chegou até a criar uma gaiivota. A família conta que a irreverência de Moema se estendeu até o casamento de um cachorro e o batizado de um tatu, ambos criados por ela.

“Ela foi uma mulher e mãe fantástica, só que adoeceu. Tentei de todas as formas, levei

para o Rio, São Paulo, Berlim, Bruxelas, onde havia esperança de solução eu levava, mas não deu. Ela começou a perder os movimentos e os médicos deram apenas cinco anos de vida, mas ela viveu 18. Acho que era muita vontade de viver que ela tinha”,

Yeda Lamartine, uma das grandes amigas

Décadas de amizade marcaram a relação entre Moema Tinoco e Yeda Lamartine, hoje com 83 anos. As duas se conheceram por meio de amigos em comum e nunca mais se distanciaram. “Moema era uma pessoa incrível, inesquecível, uma esposa maravilhosa. Ela fazia amizade muito rápido porque cativava as pessoas, a gente se prendia a ela”, relata a amiga. Segundo conta Yeda, as duas se conheceram no fim dos anos 60 e a diferença de idade entre as duas era de 15 anos, sendo Moema mais nova. Foi por meio do casal Silvia e Onofre Lopes que elas iniciaram a amizade.

A amiga conta que apesar da deficiência, Moema participava de tudo. Fiscalizava de perto os trabalhos domésticos, realizados por sete empregados em casa: além das três que cuidavam diretamente dos afazeres domésticos, havia um jardineiro, um motorista, um vigia e mais um sétimo funcionário.

“Tem uma história dela que não esqueço. Ela tinha um jardineiro e pediu para ele cortar uma árvore. Este comentou com o motorista que se fosse para cortá-la, ela teria que lhe pagar em dobro. O motorista vai e conta a história a Moema. No dia seguinte ela manda chamar o jardineiro e diz que vai passar o final de semana fora,



Yeda Lamartine, uma das grandes amigas, acompanhou Moema em viagem à Europa em busca da cura para sua doença

perguntando a ele se poderia ficar vigiando a casa na ausência deles. E emenda: e aquela árvore que eu falei, pode arrancar hoje. O funcionário saiu sem dizer nada. Ela era muito sábia, não dava ouvidos às fofocas”, lembra.

O gosto por festas e reuniões em casa também é ressaltado por Yeda, que participou de muitos encontros de amigos na casa de Moema e Diógenes. Segundo conta, as reuniões eram maravilhosas, informais, amorosas e cheias de boas conversas. De tanto reunir os amigos, eles formaram uma turma de mais de 15 pessoas. “A gente não tinha nem vontade de sair de lá”, frisa. Yeda se tornou tão próxi-

ma de Moema que a acompanhou na viagem à Alemanha, quando ela partiu ao lado de Diógenes em busca de cura para sua doença.

Até hoje as amigas daquela época – Lalinha, Lucinha Lira, Zezé Delgado, entre outras, se reúnem para lembrar Moema. “Algumas amigas ainda se reúnem só para falar e lembrar das histórias dela e vivem me chamando para ir. Lembrar Moema faz muito bem à gente”, destaca. Uma das festas memoráveis que a pedagoga realizava era o São João, onde todo mundo ia fantasiado, levava um prato e era obrigado pela anfitriã a dançar as danças típicas dessa época do ano.

“Uma vez ela fez eu e Solange (Brandão) desfilar na borda da piscina para entreter um grupo de deficientes que ela havia convidado para a casa dela para tomar um lanche. Elas faziam fisioterapia junto com ela e as convidou para passar uma tarde em casa. As atrações éramos nós duas, desfilando na piscina. Não existia alguém como ela”, lembra Yeda, aos risos.

Algumas lembranças relatadas por Yeda também passam pela viagem a Berlim e Bruxelas, ambas eram a última esperança de Moema e Diógenes de encontrar a cura para a paralisia. A amiga estava presente quando o médico alemão disse que não havia mais nada a fazer, a não ser continuar as sessões de fisioterapia. “O médico explicou que aquela doença era congênita, que tinha nascido com ela e a

qualquer momento poderia aparecer. Não era problema do parto da última filha ou da anestesia como as pessoas pensavam. Ela disse que fazia questão que isso se espalhasse em Natal para pararem de culpar o médico dela”, conta.

Yeda conta ainda que Moema lhe confiava sentir muitas dores, mas disfarçava para não fazer sua mãe sofrer ainda mais nem preocupar o marido. “Uma vez ela me disse: você me vê rindo, brincando, mas não é porque estou alegre não. Não quero preocupar meu marido nem quero que meus filhos sintam que têm uma mãe doente”. A grande parceria entre Diógenes e Moema é uma das lembranças mais fortes da amiga. “Ele tinha o dom de levantar o moral de Moema. E ela me dizia: eu só vivo porque tenho Cunha”.

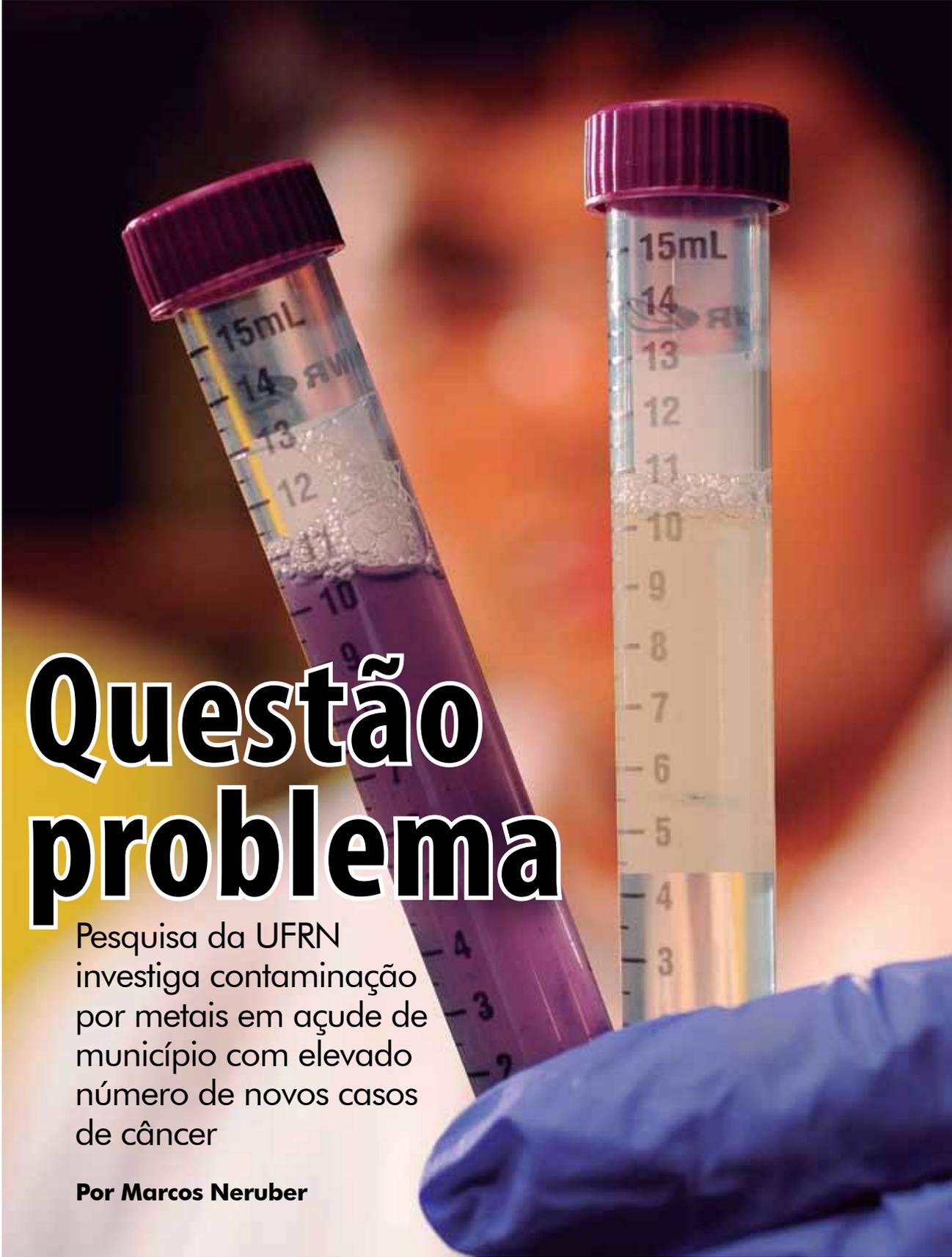
Moema Tinoco da Cunha Lima faleceu em 6 de setembro de 1991 e seu sepultamento foi marcado por grande comoção dos familiares, amigos e pessoas próximas. A amiga Yeda Lamartine relata que dos mais velhos aos mais novos, todos choravam. E aquela mulher forte e espirituosa já havia deixado tudo pronto: preparou uma lista com todas as músicas que queria que tocassem em seu enterro. Hoje Moema está numa avenida na Zona Norte de Natal, numa creche-escola e outra em João Pessoa e, em um baobá plantado na capital paraibana, que também ganhou seu nome como homenagem.

“

Moema era uma pessoa incrível, inesquecível, uma esposa maravilhosa. Ela fazia amizade muito rápido porque cativava as pessoas, a gente se prendia a ela.”

Yeda Lamartine
amiga





Questão problema

Pesquisa da UFRN investiga contaminação por metais em açude de município com elevado número de novos casos de câncer

Por Marcos Neruber

O SEMIÁRIDO BRASILEIRO ABRANGE uma área de 974.752 km² dos quais 86,5% ficam na região Nordeste. Os rios, em sua maioria, são intermitentes. As chuvas, irregulares, concentram-se em poucos meses do ano, e a evapotranspiração - perda de água de uma comunidade ou ecossistema para a atmosfera - é elevada. Na região semiárida do Nordeste brasileiro a escassez hídrica é uma realidade que deriva de aspectos climáticos, levando a sua população a enfrentar longos períodos de estiagem. Nesse contexto, a água de boa qualidade é escassa e representa um patrimônio natural de imenso valor socioeconômico.

O Rio Grande do Norte apresenta grande parte do seu território inserida na região semiárida brasileira, caracterizada pelo clima seco e quente, com chuvas que se concentram nas estações de verão e outono. Os solos são rasos, com ocorrência

de vegetação do tipo xerófila, resistente a longos períodos de estiagem.

Diante desse cenário, foram construídos reservatórios, regionalmente chamados de açudes, para tentar amenizar as consequências da seca, que são utilizados para atividades de aquicultura, irrigação, lazer, pesca, entre outros. De acordo com a pesquisadora Viviane Amaral, do Departamento de Genética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), estudos realizados nos principais reservatórios da região semiárida do Rio Grande do Norte revelaram sérios problemas que afetam a qualidade da água, incluindo a contaminação por metais.

A pesquisa, realizada somente pela UFRN, sem parcerias com outros órgãos, tem como objetivo principal levar o conhecimento da universidade para as comunidades. “Os resultados desses estudos indicam que a gestão inadequada de recursos hídricos pode

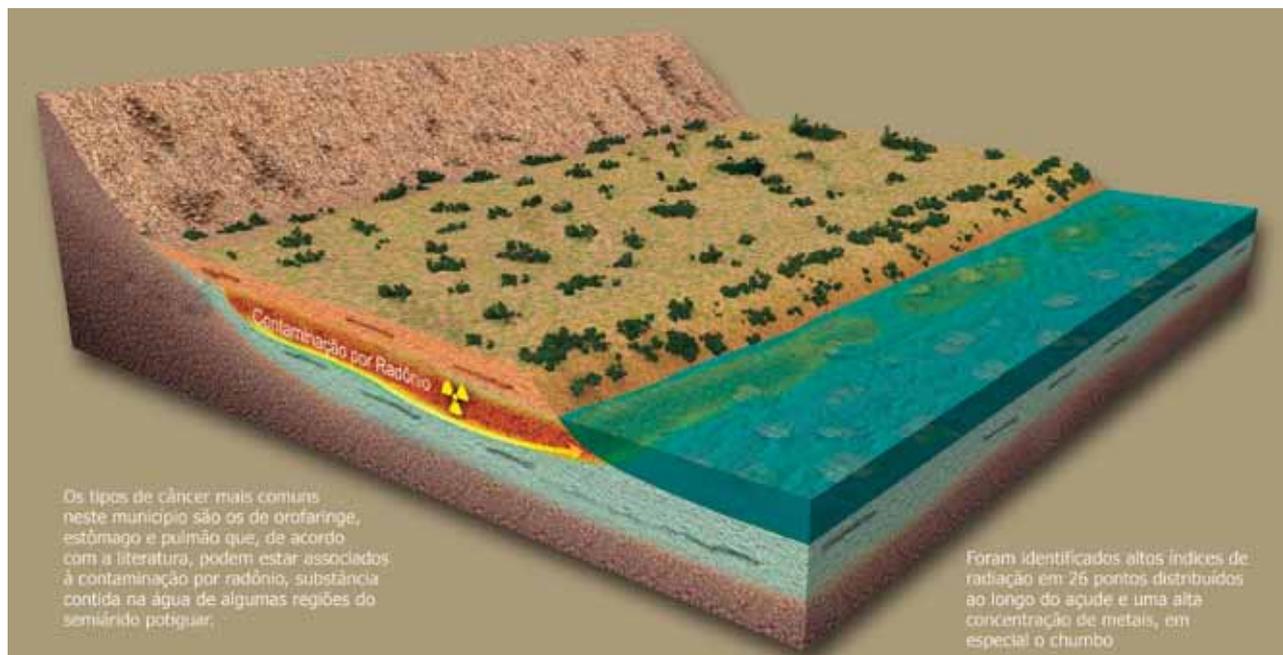
ser o principal entrave para a conservação e uso sustentável dos mananciais disponíveis no semiárido brasileiro”, destaca a pesquisadora.

A boa qualidade da água deve ser mantida para garantir o uso de populações que dependem dela. De acordo com Viviane Amaral, como o cultivo de peixes e a pesca no Rio Grande do Norte são atividades de grande importância, uma vez que contribuem com a economia e geram renda para pescadores, aquicultores e a comunidade em geral, a situação requer maiores cuidados. “A perda da qualidade da água do açude, além de se tratar de um problema ambiental, é também um problema social, já que a saúde e a economia da comunidade são diretamente afetadas”.

Segundo a pesquisadora, medidas eficazes, sejam tecnológicas ou educacionais, precisam ser implementadas de maneira satisfatória para incentivar a conservação dos corpos de água. “Dentro desta perspectiva, a pesquisa vem mostrando a influência do fenômeno da radiação natural na saúde das populações que vivem nestas áreas de riscos. Ainda não temos números, mas no prazo de dois anos, estaremos com todos os dados, os quais serão entregues aos órgãos responsáveis da sociedade civil”. A pesquisa foi direcionada para o município Lajes Pintadas (RN) por ser o município com maior incidência de casos de câncer por ingestão inadequada de água, segundo a OMS.



Água é um problema constante nas cidades do interior do Nordeste



Lajes Pintadas e a toxicologia de suas águas

Situado na mesorregião do Agreste Potiguar, a 135 quilômetros de Natal, o município de Lajes Pintadas tem uma população de 4.614 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010.

A cidade fazia parte do município vizinho chamado Santa Cruz quando o açude público foi construído no ano de 1953 com capacidade máxima de 6.000.000 m³ e a finalidade de abastecer a comunidade que se formava e não possuía água encanada, sendo castigada pela seca. O abastecimento por meio desse corpo hídrico foi imprescindível para fornecer matéria prima e condições para que a comunidade de Lajes Pintadas se estabelecesse. O açude supriu por muitos anos a população até o



Dados do Inca de 2010 mostram que Lajes Pintadas apresentou 415,2 casos de câncer num total de 4.614 habitantes

momento em que a adutora Mon-senhor Expedito, que hoje abastece 23 localidades da região Agreste do estado, fosse liberada para o trecho do Trairi no ano de 2003.

A pesquisa realizada pela professora mostra alguns problemas enfrentados no município. “Um es-

tudo prévio realizado pelo nosso grupo de pesquisa demonstrou que a população ainda depende do açude de Lajes para inúmeras atividades, como o abastecimento de água e pesca, já que a adutora ainda não chega às casas mais próximas ao açude”, esclareceu Viviane.

“Outro ponto de fundamental importância é que no município existem afloramentos rochosos com a presença de ionizantes naturais que liberam o gás radônio e, conseqüentemente, o chumbo para o ambiente. Além disso, outro dado peculiar é que segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), em 2010, Lajes Pintadas apresentou 415,2 casos de câncer num total de 4.614 habitantes. O número é superior ao registrado na capital do RN, que foi de 353,5 novos casos e tem 806.203 habitantes.

Os tipos de câncer mais comuns neste município são os de orofaringe, estômago e pulmão que, de acordo com a literatura, podem estar associados à contaminação por radônio, substância contida na água de algumas regiões do semiárido potiguar. A pesquisa mostra que esta alta incidência de casos de neoplasias na população de Lajes Pintadas pode estar associada à exposição à radiação natural e seus subprodutos como o radônio e os metais pesados que estão em grande proporção presente na água.

“Estudos prévios realizados na pesquisa identificaram um aumento na frequência de mutações cromossômicas em organismos indicadores expostos às águas do açude de Lajes Pintadas. Adicionalmente, foram identificados altos índices de radiação em 26 pontos distribuídos ao longo do açude e uma alta concentração de metais, em especial o chumbo”, explicou.

O estudo também expõe que estes valores foram significativamente maiores em períodos de grande escassez hídrica, como demonstrado em uma série de trabalhos que avaliam poluentes em amostras de corpos d'água. Diante desta situação, estudos envolvendo o impacto dos agentes físicos e químicos, presentes nestas amostras de água, na saúde humana são de fundamental importância.



De acordo com a pesquisadora Viviane Amaral, estudos realizados nos principais reservatórios da região semiárida do RN revelaram sérios problemas de qualidade de água, incluindo a contaminação por metais



Avaliação Toxicológica

“Diante do exposto, o processo de decaimento do urânio somado às condições climáticas desfavoráveis torna-se uma preocupação no âmbito toxicológico devido aos diferentes efeitos em consequência da contaminação por radônio e chumbo amplificada pela escassez hídrica. Nesta perspectiva, o nosso projeto propõe realizar uma avaliação do risco carcinogênico e não carcinogênico na população humana exposta naturalmente ao radônio e ao chumbo no município de Lajes Pintadas”, concluiu Viviane.



O que é Radiação Natural?

Segundo a Agência Internacional de Energia Atômica-AIEA (2007), o Brasil possui uma das maiores reservas mundiais de urânio. É a sétima maior reserva geológica com cerca de 310.000t de U3O8, ficando atrás dos Estados Unidos, Canadá, África do Sul, Rússia, Cazaquistão e Austrália, os quais possuem uma reserva com volume em torno de 1.462.000t.

O urânio é o elemento químico mais pesado de ocorrência natural. Geralmente encontra-se disponível

no interior da crosta terrestre, no entanto, processos naturais e antrópicos contribuem para a sua redistribuição em todo o meio ambiente. Com isso, há uma ampla distribuição deste metal em praticamente todos os compartimentos ambientais (rochas, solos, águas superficiais e subterrâneas, ar, plantas e animais).

Um dos isótopos formados na cadeia de decaimento do urânio é um gás inerte radioativo, o radônio. Este, por se tratar de um gás, tem como sua principal via

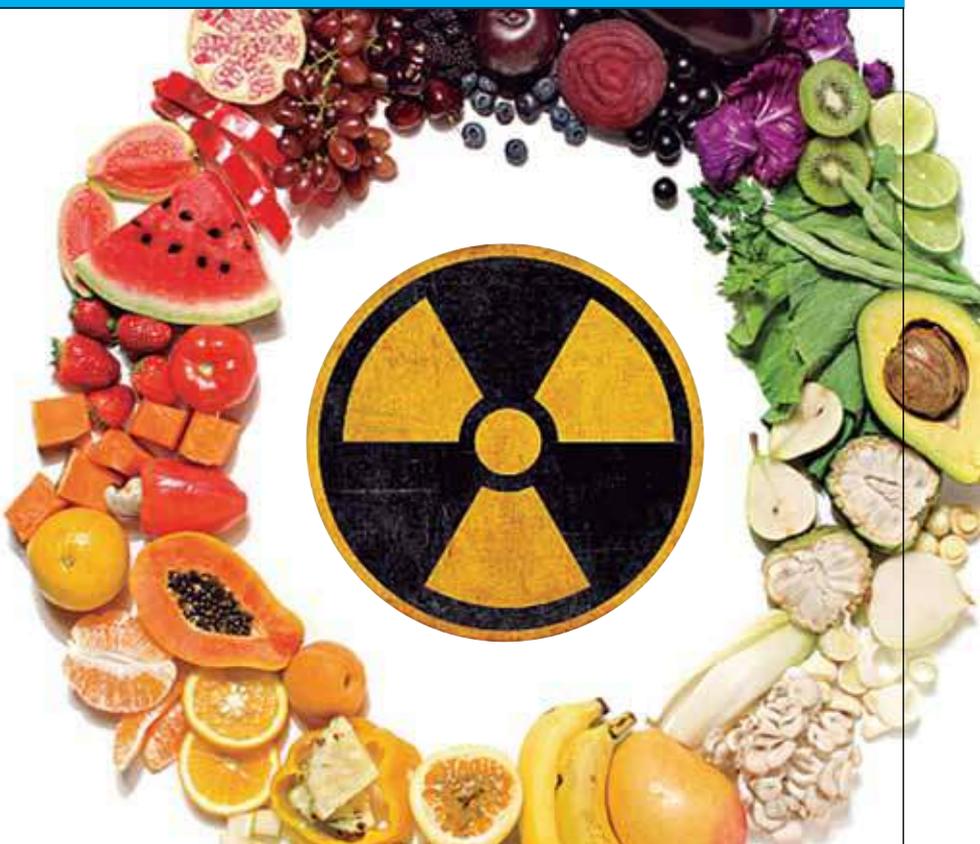
de absorção o sistema respiratório. Pelo fato desse gás ser liberado por rochas e solos que contenham urânio, a contaminação através da exposição natural ao radônio é um fato de preocupação mundial. Segundo a Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer (IARC), e o Programa Nacional de Toxicologia dos Estados Unidos (USNTP) o radônio é um agente carcinogênico humano, e quando ao inalar um átomo de radônio, ele pode se desintegrar dentro dos pulmões.

O chumbo inorgânico tem sido recentemente recategorizado pela IARC a grupo 2A como provável carcinogênico humano, portanto sua presença poderia influenciar positivamente na ocorrência de câncer pela exposição a radônio ao longo da vida.

“Níveis elevados de chumbo no sangue têm efeitos conhecidos relacionados com disfunção cognitiva, distúrbios neurocomportamentais, danos neurológicos, hipertensão e insuficiência renal. Os efeitos, relacionados à exposição ao chumbo, são distintos quando comparados em adultos e crianças. Tal fato pode ser explicado devido à suscetibilidade que o organismo apresenta no período da infância, principalmente no que diz respeito ao sistema nervoso, o qual se encontra ainda em formação”.

De acordo com a pesquisa, inúmeros estudos revelam que a presença de chumbo no sangue de crianças acima de 5 ug% causam alterações no sistema nervoso infantil, originando problemas nas funções cognitivas, distúrbios de comportamento, baixo rendimento escolar, diminuição da capacidade visual, dentre.

Procurada pela equipe de reportagem, a Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH) respondeu, por meio da assessoria de imprensa, que só irá se pronunciar sobre o assunto após a divulgação dos resultados e dados do estudo, pois ainda não tem conhecimento a respeito do problema apresentado pelo grupo de pesquisa.





Distantes do Alaska, virados pra Lua

Ana Paula Davim
Fotos: Carlos Magno



Edu Filgueira, Lauro Kirsch, Emily Barreto, Rafael Brasil e Cris Botarelli se reuniram no bairro de Pinheiros, em São Paulo, para uma conversa divertida com a Revista Bzzz

Tentamos descobrir os caminhos que levaram a banda Far From Alaska a trilhar o sucesso nos palcos brasileiros

OSSADAS DE ANIMAIS. VENTANIA. Deserto. Guitarra. A voz canta em inglês. “Tem certeza que é brasileira?”. A pronúncia é perfeita. Macia e extremamente potente. Quando explode no refrão, as imagens revelam os integrantes e seus instrumentos cheios de energia, conectados apenas às areias das dunas potiguares e ao sol poente, em tomadas cinematográficas.

A descrição é do clipe “Dino Vs Dino”, que acumula centenas de milhares de visualizações. A qualidade das cenas é tão surpreendente quanto o som produzido pela banda potiguar, cuja ascensão meteórica dentro da cena do rock nacional impressiona – mas se justifica.

O encontro dos cinco jovens aconteceu por uma razão muito nobre: “Todos já tinham tocado entre si, e fizemos uma banda porque a Emily queria cantar”, conta Lauro Kirsch, baterista. Até então, Emily Barreto também se ocupava da bateria, mas em outros projetos. A oportunidade de soltar a voz de verdade pela primeira vez veio no início de 2012.

Um pequeno salto na linha do tempo, avançando seis meses depois da primeira reunião: VUSSSH! O segundo show da banda se dava nada menos que na abertura do Festival Planeta Terra, no Jockey Club de São Paulo. “O primeiro foi na seletiva do concurso. A gente tocou numa sexta, ganhou e no sábado tocou no festival”, descreve a vocalista, com sua forma quase ingênua, que, entretanto, sabe exatamente a dimensão daquele passo.

É quase irresistível tentar decifrar o enigma que fez a banda “dar certo”, tamanha a espontaneidade dos integrantes. “Nada foi tão rápido e tão gigante nas bandas anteriores como na Far From Alaska”, conta Rafael Brasil, guitarrista. “Nem era uma banda, era realmente um projeto paralelo”.

Os cinco se divertem enumerando as difíceis tentativas de batizar o grupo. “A gente estava atrás de um nome loucamente, já ia sair o EP e toda semana a gente trocava”, lembra Emily. “Buffalo Beat”, “You Vs Lion” “Wax Fight”, foram alguns descartados. “Frog Says Rabbit”, alguém comenta. “Não, esse nunca foi!”, “Muito horrível, afe, esse era horrível”, “era irado”, especulam, entre risadas.

“Lauro chegou no ensaio com a palavra ‘Alaska’, ‘a sonoridade é massa’. Cheguei em casa e disse ‘mainha, faz aí uma lista com um bocado de nome que tenha Alaska no meio’”, conta a vocalista, comprovando no sotaque e nas gírias que, apesar da língua inglesa adotada nas composições, as origens seguem firmemente enraizadas no nordeste brasileiro.

A mainha de Emmily atendeu ao pedido e fez o brainstorm em português. “No meio tinha ‘Longe do Alaska’, eu levei pro ensaio e não teve ninguém que foi contra”. Edu Filgueira, o irreverente baixista, complementa: “É, mas também não teve ninguém que foi a favor. Na verdade, foi o único nome que ninguém foi radicalmente contra”.

Com as quatro músicas do EP e um nome definitivo, enviaram para o músico e produtor Chuck Hipolitho mixar. “Ele gostou e sugeriu que nos inscrevêssemos nesse concurso da gravadora dele, foi muita coincidência”, enfatiza Rafa.

Esse alto nível de exigência é fruto das diferentes influências musicais entre eles. O processo de criação, segundo Cris Botarelli, que comanda o teclado e também canta, é de “muita pancadaria e confusão. Cada um quer ir para um lado”. Ainda assim, por se conhecerem bem, permitem-se “dar muito pitaco”. “A gente não joga nada fora, tenta adaptar. Pega um pedaço de uma música, encaixa em outra, e vai tomando forma. As



Cris (synth), Emmily (vocalis), Lauro (bateria), Edu (baixo), Rafa (guitarra)

vezes fica pronta porque a gente cansou”, brinca.

É exatamente este paradoxo de sofisticação e despojamento que mais chama atenção na Far From Alaska. E que não passou despercebido para a vocalista da Banda Garbage, headline do mesmo festival. “Muito orgulhosa de Emmily Barreto e da sua banda Far From

Alaska. A gente se encontrou ano passado no Planeta Terra (...) Essa garota tem coragem e eu a amo por isso”, escreveu Shirley Manson no Facebook oficial de sua banda.

Rafa, ou “Calango”, relata o turbilhão de acontecimentos que foram se sucedendo: “A gente teve muita surpresa boa, muitos presentes”. Como o próprio clipe di-



vulgado pela Garbage. “O diretor pirou no som e disse que queria fazer um clipe pra gente. Gastamos apenas com os custos de produção”, explica Kirsch.

“Nada relevante comparado ao que deveria custar de fato”, pondera Edu. “Muitas outras bandas já se jogaram mais com muito menos e isso é até um puxão de orelha pra

gente. O principal é que, dando certo ou não, não era nossa pretenção desde o começo. Era fazer como sempre”, completa o baixista.

O “fazer como sempre” significava a liberdade na produção, ou – por outro ângulo – a ausência de um empurrão empresarial. “Pelo contrário, largaram a gente no estúdio e ‘faz aí’. E em uma se-

mana. Aqui em São Paulo, as coisas andam de forma diferente, com agência, marketing por trás. Em Natal não tínhamos essas coisas”, detalha Botarelli.

Fazer, e fazer bem feito, parece ser a única explicação. Ainda assim, os rumos tomados seguiram surpreendendo à própria banda. “A gente sempre quis que desse certo, mas sempre foi difícil viver só de música. Todo mundo, até certo ponto, trilhava os dois caminhos: trabalhar pra ganhar uma grana e tocar por prazer”, comenta Lauro, o único que ainda vive lá-e-cá, entre São Paulo e Natal, na vida dupla de roqueiro e programador.

Cris, por sua vez, largou a advocacia no início deste ano. “Eu queria mesmo ser advogada, essa coisa de viver de música veio depois”. Para marcar a mudança, pintou o cabelo de rosa. “Para comemorar”, brinca. Já Edu, veja só, tinha suas aspirações na arquitetura, passou por funções administrativas e: “comecei a tocar, aí ferrou”.

Com 24 anos – a mais nova do grupo, Emmily é enfática: “Trabalhava pra minha mãe, mas sempre pensava em música, se não fosse isso, ‘lascou-se’. Tenho um curso trancado, que espero um dia acabar, de design gráfico”. Rafa também compartilha da mesma obstinação: “sempre quis tocar, arrumei outras coisas enquanto não conseguia. Trabalhei com publicidade em agências de Natal por 7 anos, mas sempre focado em tocar”.

Quando questionados sobre a decisão de mudar para São Paulo, um silêncio deliciosamente enigmático. “Nem lembro”, murmura um. “Não sei”. Kirsch tenta explicar: “chegamos num ponto que não havíamos chegado com as bandas anteriores. Já tínhamos feito tudo que tinha sido feito com as outras”.

Traçados todos os caminhos em território potiguar, estender o alcance para o resto do país foi natural. Emmily, Cris e Edu foram os primeiros bandeirantes a desbravar a vocação paulista. A mudança facilitava a logística para marcarem mais shows, uma vez que, saindo sempre de Natal, a parte das passagens encarecia o processo. (Viu, Hub da Tam?)

“Um dia depois que mudamos, a gente conheceu o produtor da Pitty, e no outro tinha um show dela, que a gente foi. Antes de subir, ela olhou pra mim e disse “e aí, vamo cantar?”. Eu fiquei muito nervosa e falei que não. ‘Não, não’, eu dizia. Ela virou e falou exatamente assim: ‘Se f...! Veio, vai ter que cantar!’”.

O relato quase aflito da front girl da banda deixa a repórter ansiosa. “Eu tremia, queria chorar, lembra, Dudu? Quando ela me chamou, uma galera já conhecia, ficaram gritando. E no meio da música dela, deram uma pausa, fi-



caram numa base e ela cantou no meu ouvido pra ver se encaixava: era uma música nossa!”. O encontro foi registrado e está disponível no YouTube. Ao assistir a explosão da plateia sob seu comando, ao som de sua música, no palco da experiente Pitty, compreende-se perfeitamente a emoção contida na descrição da jovem vocalista.

Tal insegurança, entretanto, não se justifica. Em cima do palco, os cinco músicos sabem exatamente o que estão fazendo. Do jeito que alegam ser “o de sempre”, mas que combina, de forma certa e – por que não repetir – enigmática, as doses de rebeldia e profissionalismo que resultam em um espetáculo musical agressivamente divertido.

A nova jornada paulistana, que completa um ano em novem-

bro, tem agradado aos integrantes. De todas as saudades sentidas ao saírem do ninho, a ausência do mar parece ser unanimidade entre os rockeiros. Ou quase. “Ei, eu sou de Mossoró, precisa ser mar, não. Se tiver um açude, uma beira d’água, assim, é nós!”, arremata Filgueira, com irreverência.

Se há preconceito pela origem da banda? “Pelo contrário, todo mundo fica surpreso pelo lugar, acham massa”. “A gente escuta muito ‘achei que era gringa, depois eu vi que era brasileira, e fui ver era de Natal’”. E fazem as vezes de porta-vozes da cena potiguar. “A gente sempre fala e faz a galera ouvir o som de Natal também”, comenta Rafa. “A gente faz um amigo novo e fica empurrando as bandas”. Boa tática, Cris.



FFA foi destaque em veículos nacionais e também no Twitter da também roqueira Pitty

Lollapalooza 2015

Outro marco na carreira foi a apresentação no festival internacional que acontece anualmente em São Paulo. “A gente foi a segunda banda do segundo dia, eu, particularmente, achava que não ia dar muita gente. E aí, desde as 11h já estava atrás do palco. Mas na hora que a gente entrou, tinha uma galera”, relembra Rafa. “Fora a estrutura, os camarins, nos deram tudo que a gente pediu. Eu nunca toquei tão feliz”.

Some-se a isso a indicação de melhor álbum em língua estrangeira no 26º Prêmio da Música Brasileira, música tocando nas principais rádios de rock do país,

e convites para participar nas duas edições do Superstar, programa da Rede Globo que impulsiona novas bandas. Mas, este último destaque, eles estrategicamente dispensaram: “a gente acha massa o programa, só não acha que é nosso modelo. A gente canta em inglês, tá tentando construir outra coisa. Chegar lá pra receber uma crítica por causa disso, meio que destrói o que a gente vem tentando”, explica Cris, com a diplomacia de não fechar portas.

A escolha do idioma é uma marca do grupo, embora, individualmente, afirmem não ver problemas em cantar “até em manda-

rim”, segundo Edu. Mas quando questionados sobre produzirem na língua materna, nenhum sinal. Sempre com o cuidado de “nunca dizer nunca”. “Quando a gente for pra gringa, a gente começa tudo de novo, e luta por aceitação de uma música em português, aquela coisa toda”, brinca Cris.

A primeira ida já tem data. Vencedores de mais um concurso, a banda tem apresentação agendada para março de 2016, em San Diego, em datas do Brazilian Day. Até lá, negociam outras paradas pelos Estados Unidos – para, quem sabe, chegar cada vez mais perto do Alaska.

As origens musicais

Emmily conta que começou tocando bateria e cantando na igreja evangélica, assim como a paulista Cris, que mudou para Natal aos 9 anos e “tocava na igreja até um dia desses”.

Rafael credita o talento como uma influência natural da família: “meu pai, meu avô, nas festas sempre havia gente tocado”.

Natural de Cuiabá, Lauro foi morar em Natal há 7 anos. “A gente montou uma banda

com uns 13, 14, ninguém sabia tocar, quando dividiu quem ia aprender o quê, pra mim sobrou a bateria”.

Já o mossoroense Edu conta que seu destino foi traçado pelos amigos vizinhos: “eu faltei a reunião do meu condomínio quando tinha 12 anos e tava fazendo uma banda, aí todo mundo escolheu um instrumento e só me sobrou o baixo. O pior é que é sério. Eu cheguei atrasado”.



Medida certa *e saúde em dia*

Com uma semana fora da rotina e três quilos a menos, mãe e filha relatam mudanças de hábitos em um spa

Por Juliana Holanda

Fotos: Wallacy Medeiros e Divulgação

A APOSENTADA MARIA LÚCIA Moraes resolveu se dar um presente no segundo semestre de 2015: passar uma semana em um spa com a filha Letícia. O objetivo era relaxar e cuidar da saúde, emagrecendo uns quilinhos para ajudar na luta contra o sobrepeso. Após uma semana, as duas juntas perderam quase seis quilos, algo que, possivelmente, demorariam um mês para alcançar caso estivessem fazendo dieta

em casa.

O resultado, no entanto, não foi à toa. A rotina do spa em que as duas estavam era bem rígida, com hora determinada para todas as atividades, baseada em uma combinação de exercício físico, restrição calórica e ambiente tranquilo e coordenado por profissionais capacitados.

Rotina

A aposentada conta que o dia no spa começava às 6h30, quando a recepcionista ligava para todos os quartos para despertar as pessoas. Depois, era hora de conferir o peso na balança e seguir para o café da manhã. Em seguida, vinha uma caminhada de cerca de uma hora, que era recompensada com um suco, por volta das 9h.

Na segunda metade da manhã, a turma era então levada à sala de ginástica onde fazia 30 minutos de musculação ou de atividade aeróbica, como ginástica funcional e dança. De lá, o destino do grupo era a aula de hidroginástica, que durava cerca de uma hora. Daí todos estavam livres para se arrumar para o almoço, mas alguns ainda seguiam para relaxar um pouco na sauna.

O almoço era servido ao meio-dia com pontualidade britânica. “Ninguém atrasava, porque a fome não deixava”, relembra Maria Lúcia. O almoço merece uma descrição mais detalhada. A refeição

mais importante do dia era basicamente composta de salada crua, que era livre e servida antes do prato principal, normalmente formado por proteína e por salada ou legumes. Uma porção de fruta ou de gelatina diet completava a refeição.

A tarde no spa era mais leve, segundo a aposentada. Cada pessoa tinha direito a 30 minutos de massagem, que misturava técnicas de relaxamento e de redução de medidas. “Era a melhor parte do dia”, lembra Maria Lúcia. Normalmente, as atividades aeróbicas recomeçavam às 14h30 e eram seguidas de um pequeno lanche. A última atividade era uma caminhada que durava cerca de 40 minutos.

O jantar era servido às 18h e, a ceia, às 20h. A noite era livre e as pessoas aproveitavam para ler, assistir televisão e conversar. “A gente costumava dormir cedo porque todo mundo estava muito cansado e também tinha medo de sentir fome se ficasse acordado”, brinca a aposentada.



MANHÃ

6:30

- > Hora de acordar
- > Conferir peso
- > Café da manhã

9:00

- > Pausa para um suco
- > 30 min de exercícios
- > Hidroginástica

TARDE

12:00

- > Almoço
- > Massagens
- > Atividades aeróbicas

18:00

- > Jantar

NOITE

20:00

- > Ceia

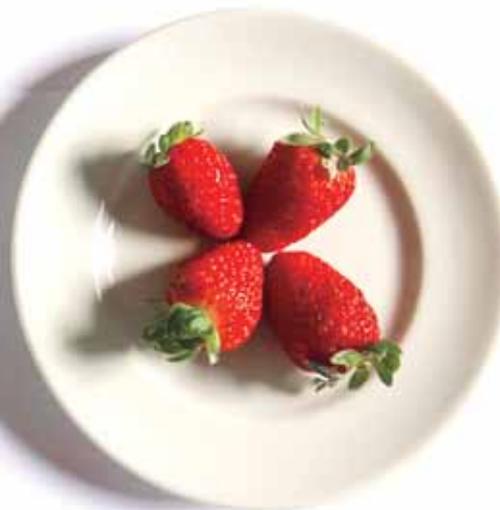
Apesar da rotina rígida do spa, Maria Lúcia adora passar uns dias no local e vai ao menos uma vez por ano. “Sempre que estou muito estressada com minha rotina ou preciso de ajuda para emagrecer, venho aqui em busca de ajuda”, afirma. “Para mim, estar aqui não é sofrimento. O difícil é manter uma rotina de dieta e exercício quando saio”, complementa.

Leticia, filha de Maria Lúcia, costuma acompanhar a mãe nas idas ao spa. Lutando contra a balança há anos, a jovem conta que o resultado costuma ser gratificante. “Acho que vale a pena



Rotina do SPA envolve alimentação balanceada, atividades físicas e momentos de relaxamento

vir e me esforçar um pouco mais. Infelizmente, tenho dificuldade para emagrecer e não consigo me manter motivada quando não estou aqui, porque perco peso lentamente”, desabafa.



Dieta

A alimentação dos spas costuma ter uma restrição calórica grande e é planejada por especialistas de acordo com as necessidades e possibilidades de cada pessoa. A que fez mãe e filha perder três quilos cada, em uma semana, era composta de 500 calorias por dia, distribuídas em seis refeições. Parece

impossível, mas a dieta é planejada por uma nutricionista e preparada por uma equipe especializada.

Apesar de bastante restritiva, quem faz a dieta garante que não sente fome. “Não sei explicar, mas acho que o fato de ter uma agenda cheia no spa faz a gente focar em outras coisas e esquecer a dieta”,

analisa Maria Lúcia.

Já Leticia acredita que o fato de estar em um ambiente calmo e diferente do seu dia a dia faz a ansiedade e a fome diminuírem. “Fora do spa não sobrevivo sem chocolate, mas quando estou lá, nem sinto falta de doce. Na verdade, me considero uma viciada em chocolate”, admite.



Relaxamento

Para aliviar a tensão do dia a dia, os spas costumam ser ambientes relaxantes e de contato com a natureza. O objetivo é exatamente combater a ansiedade, considerada causa de muitos transtornos alimentares. Além da massagem, ioga e meditação e até sessões com psicólogos estão entre as atividades oferecidas em alguns spas.

Maria Lúcia e Letícia concordam com a importância do combate à ansiedade na luta contra o sobrepeso. “Sempre que passo por um período de estresse, acabo engordando”, avalia Letícia. “Entramos na ioga há alguns meses para controlar a ansiedade”, fala Maria Lúcia. “Emagrecer é difícil, mas não podemos desistir de buscar uma vida mais saudável!”

**O nome das personagens foi alterado a pedido das mesmas*





O inventor de Brasília

A vida do arquiteto e urbanista criador da capital federal e os novos rumos da cidade, sob os olhos da filha de Lúcio Costa

Por **Camilla Pimentel**



Valter Campanato/ABR

BRASÍLIA, LÚCIO COSTA

E arquitetura moderna são nomes, palavras e expressões que podem ser consideradas sinônimos. A capital federal se tornou ícone da arquitetura moderna nas mãos do seu autor arquiteto e urbanista. Mais conhecido como “o inventor de Brasília”, o personagem principal desta matéria, Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro Lima Costa, nasceu em 27 de fevereiro de 1902, na cidade de Toulon, na França.

O inventor de Brasília não é brasileiro, e sim francês, mas logo após o seu nascimento veio com a sua família para o Brasil. Contudo, retornou à Europa e só voltou para morar de vez no ano de 1916. Filho do almirante brasileiro Joaquim Ribeiro da Costa, o arquiteto passou a infância entre idas e vindas e, ao voltar para as terras tropicais na

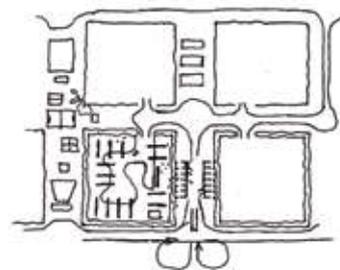
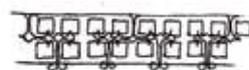
adolescência, passou a estudar na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Graduado em Arquitetura em 1924, Lúcio Costa não se furtou em realizar projetos neoclássicos. Porém, inquieto e com sua alma de artista logo mostrou que iria ser o pioneiro da arquitetura moderna no Brasil, por isso, passou a seguir o arquiteto franco-suíço, Le Corbusier. Em 1930, foi nomeado diretor da Escola Nacional de Belas Artes, com o objetivo de implantar um curso de arquitetura moderna, mas enfrentou uma dura oposição do corpo docente. No ano seguinte, em 1931, Lúcio Costa organizou no Rio de Janeiro, a 38ª Exposição Geral de Belas Artes, denominada de Salão Revolucionário, por conter artes ligadas aos artistas modernos.



Voltamos em fins de 1916, depois de uma estada em Liverpool, a bordo do Darro da Royal Mail, às escuras por causa dos submarinos. No ano seguinte (1917) meu pai – que estranhamente sempre desejou ter um filho “artista” – matriculou-me na Escola Nacional de Belas Artes, onde afinal me formaria arquiteto. Ainda vestido de menino inglês e muito mais moço que os outros, sempre fui respeitado porque desenhava melhor que eles.

Lúcio Costa – Registro de uma vivência, 1986-94.



“

A clientela continuava a querer “casas de estilo” – francês, inglês, “colonial” -, coisas que eu então já não conseguia mais fazer. Na falta de trabalho, inventava casas para terrenos convencionais de doze metros por trinta e seis – “Casas sem Dono”.

E estudei a fundo a obra dos criadores Gropius, Mies van der Rohe, Le Corbusier – sobretudo este, porque abordava a questão no seu tríplice aspecto: o social, o tecnológico e o artístico, ou seja, o plástico, na sua ampla abrangência. Lúcio Costa - Registro de uma vivência, 1986 -94



Lúcio Costa venceu um concurso e foi o responsável pela elaboração do Plano Piloto de Brasília

Brasília

A história de Lúcio Costa com a capital federal começou no ano de 1957. Foi neste período que foi lançado o concurso para o projeto da nova capital do Brasil. Lúcio Costa enviou a sua proposta contrariando algumas regras estabelecidas pelo certame, mas conseguiu vencer, para posteriormente iniciar o desenvolvimento do Plano Piloto de Brasília.

Em suas descrições sobre o que o inspirou para a elaboração da criação do Plano Piloto, Lúcio Costa afirma que Brasília é de fi-

liação intelectual francesa, a lembrança de Paris esteve sempre presente em seu projeto. Além disso, ele ressalta que os imensos gramados ingleses também colaboraram para a criação da capital do Brasil. “Os lawns da minha meninice- é daí que os verdes de Brasília provêm”, disse em seu livro Registro de uma Vivência, 1986-94.

Lúcio Costa casou com Julieta Guimarães Costa e teve duas filhas, Maria Elisa e Helena. A filha que herdou o espírito inquieto,



À esquerda, o arquiteto ao lado da filha. À direita, ao lado de JK e, abaixo, operários trabalham na construção da capital federal



inovador e ousado do pai, Maria Elisa Costa, disse que Lúcio Costa projetou Brasília em sua casa no Rio de Janeiro. “Na época, eu era estudante na Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio”, disse a filha de Lúcio Costa.

A filha seguiu os passos do pai. Formada em Arquitetura e Urbanismo, garantiu que fez o curso por exclusão. “Na época, não havia a escolha que há hoje em assuntos relacionados a design e eu não queria ser engenheira, nem médica, nem advogada” revelou.

A arquiteta e urbanista Maria

Elisa Costa ajudou o pai a pregar os croquis do Plano Piloto em um mural de papel. “A relação de meu pai comigo e minha irmã sempre foi de grande solidariedade e carinho e, ao mesmo tempo, do maior respeito pela privacidade e cada um, ou seja, uma relação de cumplicidade”.

Como herdeira do homem que criou o Plano Piloto de Brasília, Maria Elisa não podia deixar de emitir a sua opinião sobre o Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília (PPCUB). De acordo com a arquiteta, o PPCUB deve ir para a “lata do lixo”.

“

É através das coisas belas que nos ficaram do passado que podemos refazer, de testemunho em testemunho, os itinerários percorridos nessa apaixonante caminhada, não na busca do tempo perdido, mas ao encontro do tempo que ficou vivo para sempre porque entranhado na arte. O que caracteriza a obra de arte é, precisamente, esta eterna presença na coisa daquela carga de amor e de saber que, um dia, a configurou.
Lúcio Costa – Registro de uma vivência, 1986-94w

Fotos: Renato Araujo/ABr



Maria Elisa Costa, arquiteta e filha de Lúcio



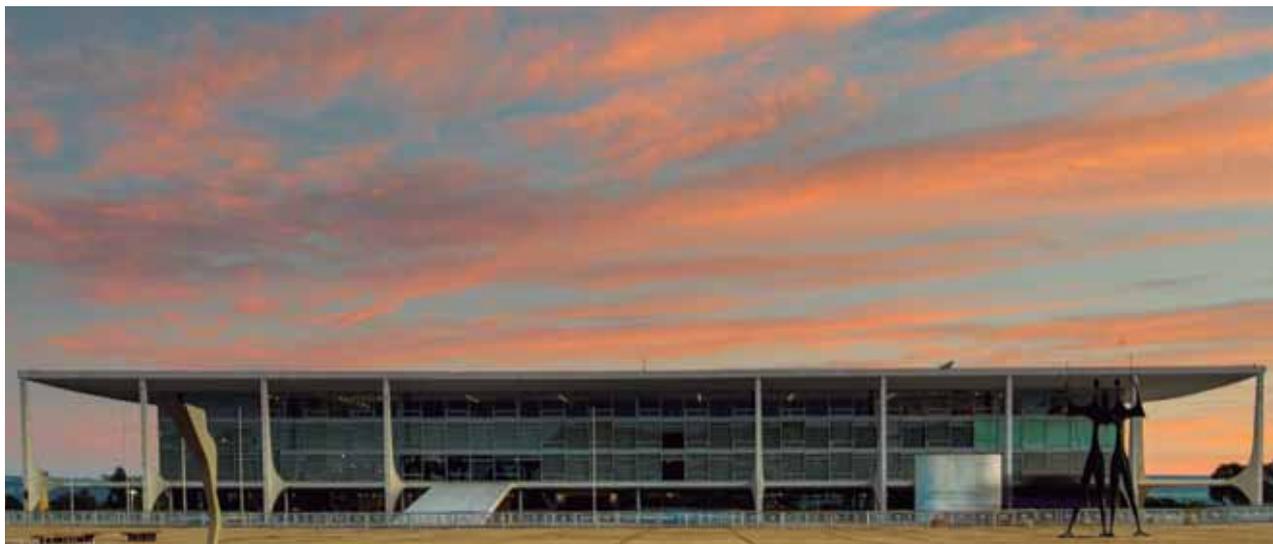
Exposição em homenagem aos 50 anos da capital do Brasil mostra obra do “inventor de Brasília”

Maria Elisa não poupou críticas ao PPCUB, que já está pronto para ser votado pela Câmara Legislativa do Distrito Federal, mas que por enfrentar resistência da classe urbanística da capital federal, ainda não entrou na pauta do Legislativo do DF.

“O meu desapareço pelo PPCUB vem do fato de que, além de ter sido elaborado em Cingapura – o que, a meu ver, não seria o melhor caminho para estudar Brasília – o plano foi muito mexido e remendado, além de ser extremamente volumoso. A ideia da “lata do lixo” é no sentido de que a gente tem que saber a hora em que o melhor é começar de novo, sem perder tempo tentando remendar ainda mais um plano inadequado de origem. Se não me engano, o PPCUB final foi uma completa deturpação de um Plano anterior, do qual só guardou o nome”, falou a filha de Lúcio Costa.

Para Maria Elisa, é necessário iniciar outro Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília. “É preciso começar outro plano, consciente de que em Brasília convivem duas realidades opostas e indissociáveis: de um lado, uma cidade de quase três milhões de habitantes, que quer crescer. De outro, o Centro Histórico desta cidade, ou seja, da capital do país que, por todas as razões, impõe preservar”, explicou a arquiteta considerando o Centro Histórico delimitado pelo divisor de águas da Bacia do Lago Paranoá.

Todas essas críticas de Maria



Brasília e seus famosos prédios planejados para a organização política do Brasil

Elisa ao PPCUB não são em vão, afinal, ela considera Brasília a sua irmã caçula, uma vez que acompanhou de perto o nascimento da cidade, bem como as inspirações do inventor de Brasília para a criação do Plano Piloto.

Atualmente, Maria Elisa Costa coordena o acervo da Casa de Lúcio Costa, que está localizada no Rio de Janeiro com todo o histórico do ilustre arquiteto que contribuiu para o desenvolvimento da história da arte brasileira. Lúcio Costa faleceu no dia 13 de junho de 1998, na cidade do Rio de Janeiro.

O PLANO

O projeto que prevê a alteração do plano urbanístico pode fazer com que a capital do país perca o título de patrimônio da humanidade concedido pela Unesco. Conhecido como Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília (PPCUB), está em pauta desde 2009 para decidir para onde a cidade vai crescer. Dentre as propostas está a urbanização do canteiro central do Eixo Monumental que vai do Centro de Convenções até a EPIA, construção de hotéis de até 10 pavimentos na 904 norte além de prédios empresariais. O PPCUB define as regras para ocupação das áreas tombadas no Distrito Federal e compreende terrenos no Plano Piloto, Candangolândia, Sudoeste, Cruzeiro e Octogonal. A maioria das decisões do colegiado foi por unanimidade.



Uma embaixada gastronômica do **IMPÉRIO INCA**

Restaurante Taypá é endereço da autêntica cozinha peruana em Brasília

Por Octávio Santiago, de Brasília-DF



Machu Pichu, Peru

UMA DAS COZINHAS QUE mais prosperou nos últimos anos foi, sem dúvida, a peruana. Com sabores fortes e vasta propriedade para o trato com pescados, a culinária do país conquistou paladares mundo afora. Ainda que, muito dessa fama, deva-se ao chef Gastón Acúrio, que internacionalizou as iguarias locais. Em Brasília, onde as representações dos países se encontram no Brasil, há uma embaixada paralela do Peru, a gastronômica, que atende pelo nome de Taypá e que prepara uma das maiores riquezas do Império Inca.

Sua alcunha completa é Taypá Sabores del Peru. A casa, localizada na área co-



Ponte Juscelino Kubitschek, Brasília

mercial da QI 17 do Lago Sul, leva tão a sério o nome que em 2011, foi escolhida pelo governo daquele país como o melhor restaurante peruano no Brasil. Título que transformou o espaço no novo queridinho de brasilienses e turistas. Todos em busca de pratos tradicionais e de drinques típicos, que também rendem elogios ao lugar.

Na cozinha, grandes au-

toridades da gastronomia local e internacional deixam a sua marca, como Ivone Espiñeira, Antônio Carvalho, Madalena e Albano Ribeiro, além do peruano Marco Espinoza, que entregou o comando do renomado restaurante Bardot, em Buenos Aires, para assinar o cardápio e a consultoria do espaço gastronômico. Uma espécie de cereja do bolo da embaixada gourmet.



Ceviche caboclo é a pedida para a entrada



Entre os pratos quentes, o polvo Plancha de Pulpo

A associação junto às panelas deu certo e o cardápio ratifica a fama mundial da cozinha peruana. A estrela principal, claro, é o ceviche. O prato de pescados marinados em limão é parte da cultura do Peru e, no Taypá, tem versões irresistíveis. Com destaque para o Caboclo, com peixe, camarão, polvo e lula imersos num molho de coentro, e o Nikkey, que reúne salmão, abacate, molho de ostra e “leche de tigre”. Mas calma, este último ingrediente, nada mais é do que o caldo resultante do ceviche.

Além dos pratos frios, a cozinha quente do Taypá tam-

bém não deixa a desejar. O Arroz de Pato, a Paleta de Cordeiro e a “Plancha de Pulpo”, polvo confitado servido com arroz de pimentões e amendoim, são três dos “platos ricos” que asseguram a fidelidade de quem visita o local. Para selar a preferência, sobremesas diferenciadas, como a Chocolate Caliente, com uma torre da iguaria banhada por calda de frutas vermelhas.

A casa ainda conta com uma boa Carta de Vinhos, toda disponibilizada em tablets e que contempla mais de 100 rótulos tintos e brancos, boa parte da Amé-

rica do Sul. Em razão dos muitos pratos à base de pescado, os brancos são quase sempre requisitados, a exemplo do chileno Chardonnay Mancura, um dos mais pedidos pelos clientes. Todos bem guardados numa adega com capacidade para mais de 800 garrafas.

Os mais ousados e que buscam uma imersão completa na gastronomia peruana podem optar pelo Pisco Sour, uma espécie de caipirinha do Peru. Um drinque feito com água ardente de uva e que leva limão, pimenta e clara de ovo e que fideliza cada vez mais apreciadores.

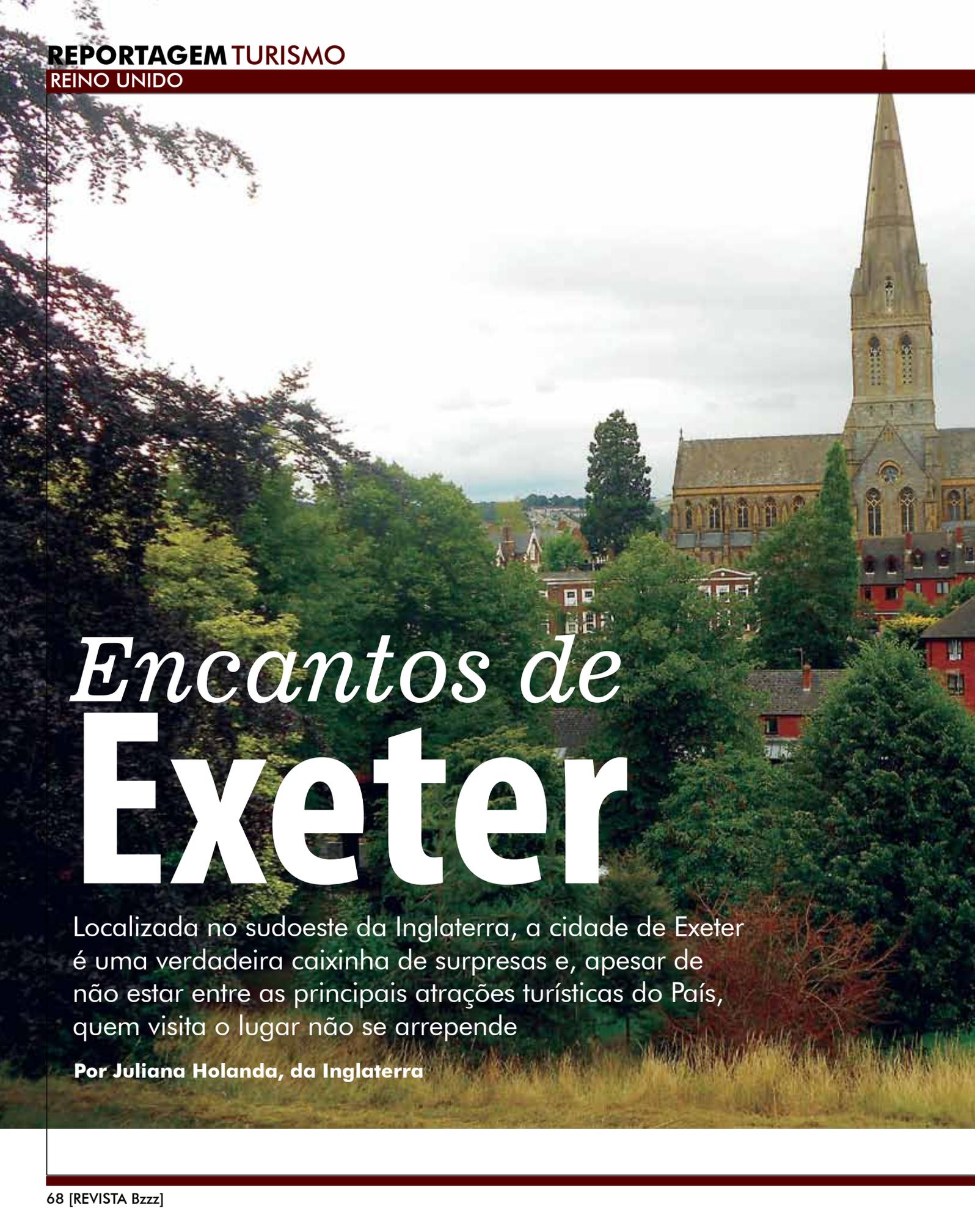


Chocolate Caliente faz parte das sobremesas diferenciadas

No Taypá Sabores del Peru, a fama da cozinha peruana encontra mais um argumento. Os sabores apresentados ao mundo pelo chef Gaston Acúrio, responsável pelas cozinhas do renomado Astrid & Gastón e da cevicheria La Mar, em Lima, e do concorrido Chicha, em Cuzco, dentre outros, estão todos na casa brasileira. Uma experiência gourmet capaz de fazer o visitante viajar ao país que inspirou o lugar, a bordo de uma das maiores riquezas deixadas pelo Império Inca: uma gastronomia intensa e muito saborosa.



Taypá foi eleito, pelo governo do Peru, o melhor restaurante peruano no Brasil



Encantos de **Exeter**

Localizada no sudoeste da Inglaterra, a cidade de Exeter é uma verdadeira caixinha de surpresas e, apesar de não estar entre as principais atrações turísticas do País, quem visita o lugar não se arrepende

Por Juliana Holanda, da Inglaterra



TRANQUILA E HOSPITALEIRA, EXETER possui cerca de 125 mil habitantes. O clima interiorano dá um toque de leveza ao lugar. É uma ótima oportunidade para fazer turismo e relaxar ao mesmo tempo. A diferença começa no trânsito: o centro da cidade é utilizado apenas por pedestres e a rua principal só pode ser usada por ônibus, táxis, bicicletas e veículos de carga. O resultado é que raramente se vê um veículo na via principal e o ar do centro da cidade parece com o de um parque.

Essa tranquilidade serve, inclusive, para atrair novos moradores para a cidade. É o caso do funcionário da Universidade de Exeter Lyndon McKevitt. “Eu e minha esposa nos mudamos para cá em busca de qualidade de vida. Esta é a melhor região da Inglaterra para morar”, conta o ex-morador de Londres.

São os próprios moradores de Exeter que preservam a memória do local. Um grupo de voluntários promove passeios turísticos pela cidade, transmitindo para os visitantes as histórias do lugar. Os passeios são gratuitos, diários, e reúnem não apenas turistas, mas também pessoas que querem aprender mais sobre o ambiente onde vivem.

Para a estudante Glícia Pedroso, conhecer a cidade acompanhada por moradores foi uma oportunidade encantadora. “As pessoas gostam tanto de Exeter que tentam compartilhar o carinho que sentem pelo local com os turistas. Conhecer uma cidade pelos olhos de seus habitantes torna tudo muito mais interessante”, avalia.



Rio Exe também é usado para a prática de esportes aquáticos

VERSATILIDADE

Exeter é cortada pelo Rio Exe, que foi o responsável pelas primeiras ocupações da região. Na Idade Antiga e Média, o local foi habitado por romanos. As marcas do período são vistas até hoje em várias partes, que se transformaram em pontos turísticos como o muro que cercava a cidade e as passagens subterrâneas que formavam um aqueduto.

Além de ser um ponto tu-

rístico, com área para caminhada em suas margens, o Rio Exe também é usado para a prática de esportes aquáticos. Os turistas costumam se aventurar no rio usando caiaques e paddles. A estudante chinesa Mengyang He aproveitou sua visita a Exeter para andar de caiaque. “Foi a primeira vez que entrei em um caiaque. Adorei a experiência”, diz.

O centro de Exeter é a

área que atrai mais visitantes, por agregar locais históricos e as principais lojas. Lá fica a Catedral de São Pedro. Fundada em 1050, foi ampliada e passou por várias reformas até o ano de 1400. O local possui um órgão do século XVII. O instrumento foi reformado e é utilizado nos serviços religiosos e em concertos que são realizados dentro da própria igreja.

Para quem gosta de museus, a dica é visitar o Royal Albert Memorial Museum, o mais importante da cidade, fundado em agosto de 1869. Nele é possível conhecer mais sobre a história e a cultura de Exeter e do mundo. O local possui uma vasta programação de exposições e eventos, atraindo moradores e turistas.

Para Mengyang He, o diferencial de Exeter é oferecer atividades versáteis. “Em um único dia aprendi um pouco sobre a história da cidade, fiz compras, andei de caiaque e visitei pontos históricos. Aqui há sempre uma coisa diferente e interessante para fazer”.

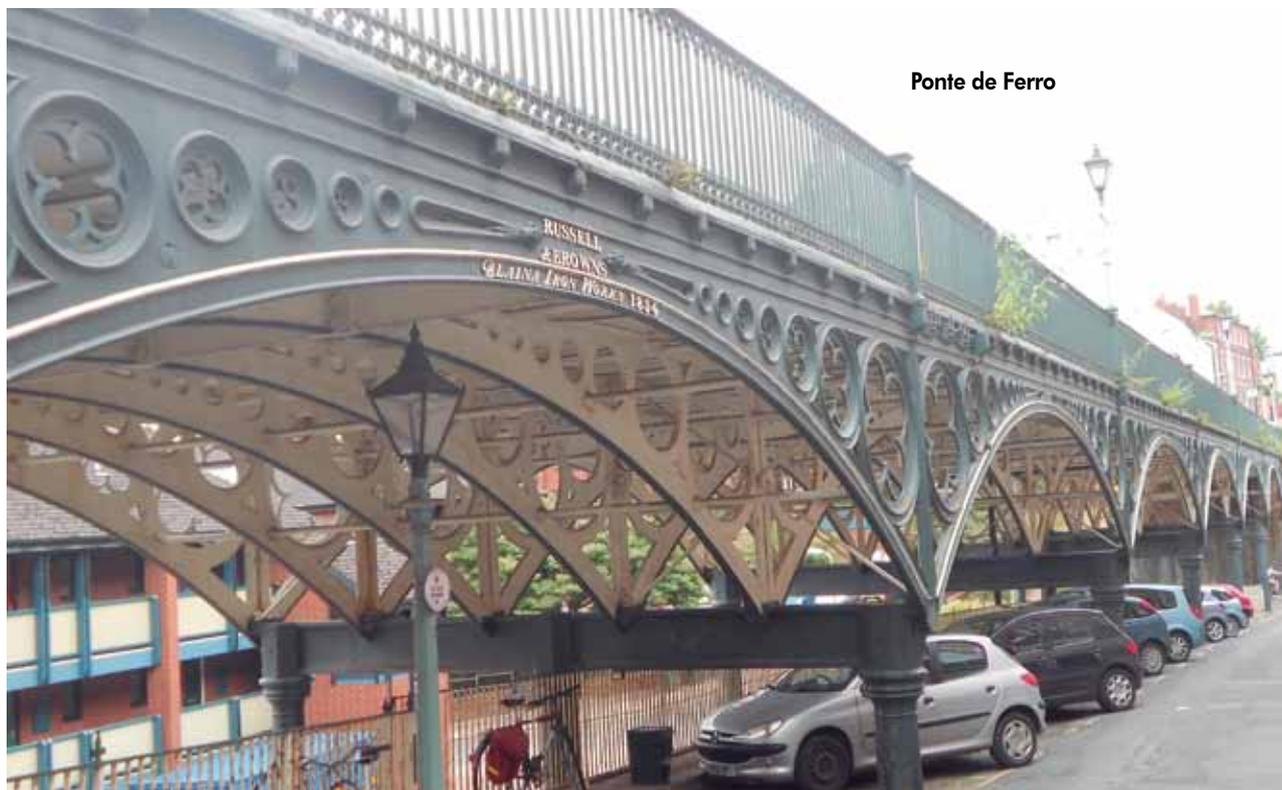


Igreja do centro da cidade



Catedral de São Pedro, fundada em 1050





Ponte de Ferro



Universidade de Exeter

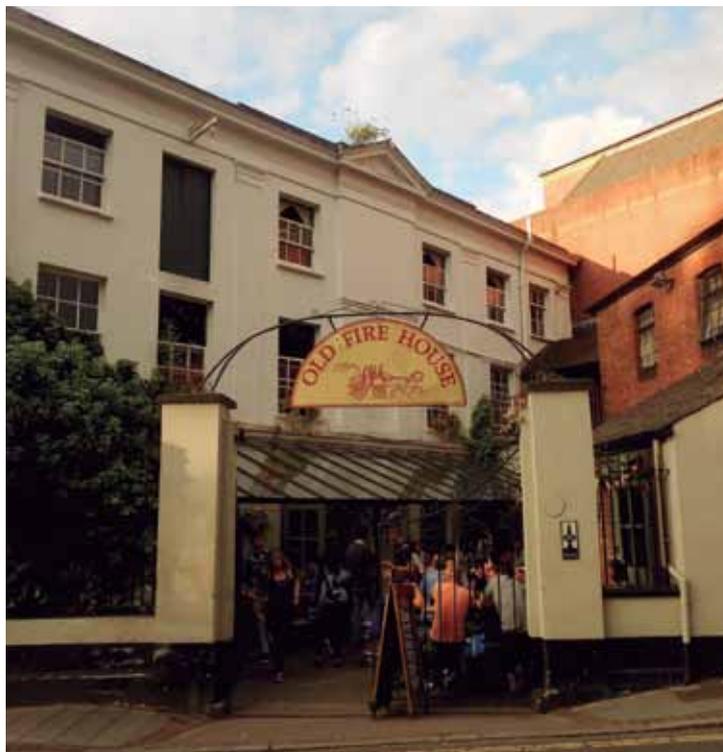
UNIVERSIDADE

Exeter abriga uma das dez melhores instituições de ensino superior do Reino Unido. Além de oferecer um alto nível acadêmico, a Universidade de Exeter possui um dos campus mais bonitos da Inglaterra. Vale a pena um passeio pela cidade universitária e ver a preocupação da instituição em preservar a natureza.

Os fãs de Harry Potter têm um bom motivo para visitar a universidade. Foi lá onde a escritora J. K. Rowling fez a graduação em Francês e Línguas Clássicas. Rowling morou em duas residências estudantis do campus da Universidade de Exeter. Acredita-se que foi nessa época que ela começou a desenvolver a história



Pub The Old Firehouse, que teria inspirado o Caldeirão Furado, bar do livro Harry Potter



do bruxinho mais famoso do mundo.

Outro destino imperdível para os fãs de Harry Potter é o pub The Old Firehouse. Bastante popular entre os estudantes da Universidade de Exeter, diz-se que o pub inspirou a autora a escrever sobre o Caldeirão Furado. No livro, o famoso pub é a entrada para o Beco Diagonal, local que reúne o comércio dos bruxos em Londres.

Fã de Harry Potter, Glícia Pedroso frequentou o pub todos os dias em que esteve em Exeter. “Na primeira vez que fui ao pub, me senti como se eu estivesse dentro do filme. O ambiente é super agradável e continuei indo todos os dias, porque além de me fazer lembrar uma história que adoro, foi uma ótima forma de fazer novos amigos”.

Construções antigas deixam a caminhada mais charmosa no centro da cidade



Elas dominam

Conheça as peças que dominam neste verão: das t-shirts à moda praia

Por Vânia Marinho

A ARTISTA PLÁSTICA LÍDIA Quaresma, que trabalha com estampas exclusivas há muitos anos, mergulhou fundo na pesquisa sobre o mundo das famosas camisetas, que marcaram as décadas de 70 e 90 e emergiu com modelos criativos e, claro, exclusivos. Descolados e com uma pegada carioca, a possibilidade de ser protagonista da sua própria peça, também é um diferencial desses modelos criados pela artista. Você pode comprar e pedir para deixá-la com a sua cara, tanto no shape, quanto na estampa.

Além do atelier em Natal na rua Mossoró, bairro Tirol, Lidia Quaresma, investiu suas peças no mercado do Rio de Janeiro e tem tido uma boa aceitação. Mais um talento potiguar sendo reconhecido no Sudeste.





Pinceladas sobre a designer

Desde menina Lidia Quaresma começou a “pintar o sete” em tecidos e, a partir daí, tomou gosto pelo universo da moda, fazendo incursões por diversas texturas, ousando imprimir uma estamparia autoral. A artista plástica surgiu depois, pois Lídia gosta de criar em cima de tudo que vê ao seu redor, além de entrar no labirinto das formas, na harmonia das cores e na luminosidade, sempre buscando a tradução de luz e alegria. Reconhecida na cidade, também pelo seu trabalho em porcelana, ela se declara uma apaixonada pelo que faz.

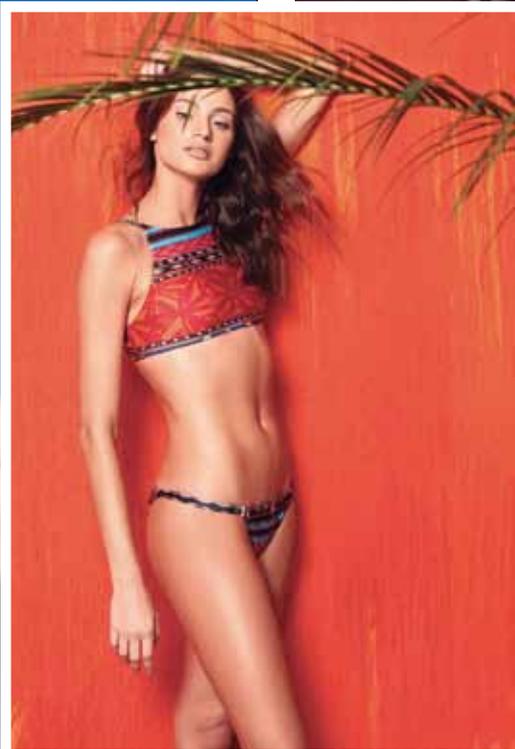
Entre sol e mar

Agora chegou a vez de mergulhar fundo nas águas mornas das nossas praias. Começou a famosa época do verão, tão esperada pelos potiguares. Pois é, hora de se mudar para a praia, dormir ao sabor do vento, embalada pelo balanço das redes que adornam as varandas do litoral. Nos finais de semana, impossível resistir à reunião de família e amigos. Os convites são inúmeros, e muitas vezes surge a dúvida: com que roupa eu vou? Fique certo que não há um “dress code” de verão. A minha dica é que vá confortável, e pronta para uma piscina ou banho de mar.

Água de coco



Fotos: Salinas





Cia Marítima



E qual a tendência?

As marcas que dominam o mercado de beach wear como Salinas, Cia Marítima, Lenny, Água de Côco e Blue Man, exibem florais, geométricos, motivos marinhos, print de frutas, em cores leves ou exuberantes. Maiôs entram como tendência, biquínis duas peças de cintura alta, são aposta de algumas marcas. Biquínis cortininha, de lacinho, continuam sendo, uma boa dica para as jovens. Os maiôs entram como boa surpresa desta estação e a grande novidade fica por conta dos tops estilo camiseta que vão bem com biquínis de lacinho ou calças mais largas. Para as tardes ou noites do verão e realçar o look, vale apostar nos kaftas, saídas de praia na mesma estamparia do biquíni ou ainda numa t-shirt, larga, bem descolada para compor com shorts.

Os bodys também são super in nesta temporada com shorts, saias curtas ou longas. Agora é só não esquecer do protetor solar, hidratar os cabelos e curtir a estação mais gostosa do ano.

Recortes

Por Vânia Marinho
jornalista



Em 2015 o SPFW comemorou 20 anos de vida. Na temporada de Inverno 16, o evento voltou a acontecer no prédio da Bienal. Entre as novidades do ano, estão a vinda da marca Lenny para São Paulo permanentemente, a volta da Coven, as estreias da Apartamento 03 e Ratier, e o novo momento da nossa estilista Helô Rocha. Na edição de 2016, a SPFW promete mais novidades.

EM GRANDE ESTILO

Um dos principais estilistas do mundo, Giorgio Armani, comemorou 40 anos de moda, e claro, que tudo foi em clima de muita celebração. Para deixar a sua marca no mundo. Armani, lançou um coffee table book de primeira, com quase 600 páginas que mostram a trajetória de um dos designers mais respeitados da atualidade, com textos escritos pelo próprio Armani. Ele também abriu um museu próprio, o Armani/Silos, com centenas de suas criações, além de ter festejado com um desfile de Alta-Costura especial, que contou com uma primeira fila repleta de celebridades como Cate Blanchett, Tom Cruise e Leonardo di Caprio, todos de Armani, claro. O ator Cauã Raymond representou o Brasil.



DESPEDIDA

A querida top Gisele, se despediu das passarelas. Em abril, ela fez seu último desfile, que aconteceu para a Colcci na SPFW Verão 16. A família toda esteve presente para prestigiar, inclusive Tom Brady. A despedida contou com outras tops escolhidas por Gisele para desfilarem com ela, como a amiga de longas datas, a nossa conterrânea Fernanda Tavares.

GARIMPO

Algumas lojas aproveitam o mês de janeiro para liquidar. Os consumidores adoram. A ZARA já entrou no clima.

PARA O VERÃO

Dando provas do seu DNA, o estilista Pedro Lourenço lançou tênis em parceria com a com a Nike.

CARREGAR COM CHARME

Mochilas em diversos tamanhos, grifes e modelos, para homens e mulheres, caíram no gosto dos descolados. Boa pedida para um verão com uma pegada clean.



TÊNIS ADIDAS SUPERSTAR

Para usar com alfaiataria ou com roupa mais esportiva, o tênis Adidas dourado é um luxo e certamente será objeto de desejo de várias cinderelas por aí. Eu já estou de olho. Vale investir.

NAS PRATELEIRAS

- A moda registrada nos livros. Em 2015 Alexandre Herchcovitch lançou livro registrando a sua trajetória.

- Ronaldo Fraga deixou sua marca impressa em livro.

- A nossa super top de Gisele Bündchen lançou livro de 600 páginas, ilustrando a sua trajetória.

Valorizando AS CORES DO nordeste.



EM **OLINDA** a **Salvador**
A FESTA É DE **ENCANTAR**
O **Carnaval** É CHEIO DE **CORES**
PRÉ VOCE **SE APAIXONAR**



UNIGRÁFICA

A GRÁFICA DA GENTE

84 3272.2751

FRANCINETTA@UNIGRAFICA.NATAL.COM.BR



Wellington Fernandes
Arquiteto
Email: wfarquitetura@yahoo.com.br

Cinquenta tons de

azul

O poder transformador da cor que permite ser usada em tudo: dos adornos às paredes e tetos da casa



CHEGAMOS AO FINAL DE mais um ano corrido, cheio de esperanças e desejos, e entramos na estação mais desejada por muitos, o verão. Vontade de mudar de ares, curtir uma segunda casa que, para uma parte da população é uma realidade e, para outros, um desejo. É nesse clima de verão que as casas se enchem de cores, novos elementos no seu interior e mais vida.

As pessoas passam a se vestir com cores fortes, decoram suas casas com a tendência do geral, geralmente associadas às opções mais vivas. Cítricas e coloridas são as cores do verão tropical e são muito bem-vindas. Uma cor em especial que está presente na natureza de forma muito expressiva e que nos traz muitas energias positivas é o azul, que proporciona um clima de paz, beleza e tranquilidade.

A gama dos azuis é infinita. Olhar para o céu azul é sinônimo de dia lindo, o mar, então, nem se fala, é o verdadeiro paraíso. A cor azul sempre esteve presente dentro das casas, principalmente nas residências de veraneio, o náutico e o índigo. É uma cor que pode entrar em qualquer ambiente e deixá-lo bonito e agradável.

Apesar de ser considerada tradicionalmente fria, azul aliada às outras cores deixa os ambientes com estilos variados. Pode ser usado em tudo: chão, parede, teto, cortinas, almofadas, adornos, revestimentos nas esquadrias e em luminárias. É de uso infinito!

Com o branco, se torna clássico. Com cores fortes como rosa, deixa o espaço moderno e inesperado. Com o cinza, que mesmo sendo uma cor fria, permite uma composição chique e sofisticada. Com os amarelos, o ambiente fica jovial e, já com as cores de madeira escura, o resultado é um ambiente masculino e dramático. A modernidade fica em evidência com o uso do castanho com azuis mais claros. Harmonizado com o vermelho, temos um ambiente versátil. Com os verdes, a sensação é revitalização e aconchego.

Assim, vemos que a cor azul, dependendo da intensidade das cores que o profissional e o cliente se propõem a usar, proporciona efeitos e sensações variadas. Clássico, moderno eclético, sofisticado, equilibrado ou tudo isso junto!





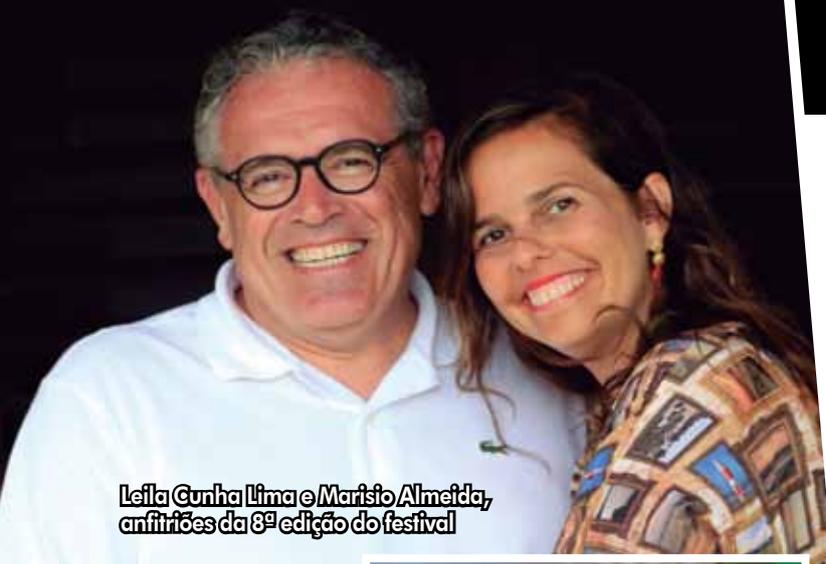
Cores, assim como muitas coisas em nossas vidas, podem ser modificadas, experimentadas e renovadas. No entanto, se o azul não for a sua praia, use outra opção dentro de casa, deixe a essa cor singular para as belezas naturais. Na natureza, ele sempre faz bem a todos, ainda quem não percebe, tem um dia mais bonito sob o azul da cor do céu e com a vista azul do mar.

VERÃO GOURMET

Fotos: Canindé Soares

Verão é sinônimo de amigos, sol, praia e gastronomia. Na praia de Maracajaú, litoral Norte potiguar, a procuradora do Estado Leila Cunha Lima, há oito anos, abre sua casa para receber amigos com o dom de cozinhar e realiza o Festival Gastronômico de Maracajaú. A cada ano, o nível dos concorrentes cresce. A jornalista Janaína Amaral, da equipe Bzzz, foi a grande vencedora do festival. Ela ganhou na categoria Prato Principal e Geral, uma vez que obteve a maior nota em todos os pratos.

Janaína escreve para o blog Rituais da Boa Mesa no portal (www.portaldaabelhinha.com.br).



Leila Cunha Lima e Marisio Almeida, anfitriões da 8ª edição do festival



A sobremesa Sensação Verão foi a vencedora da categoria, elaborada pela chef Tatiana Azevedo



Prato Buchada de Frutos do Mar foi, grande vencedor. A jornalista Janaína Amaral recheou o tubo de lula com lagosta, camarão e peixe



Jurados: Gracinha Ferreira, Luciano Almeida, a anfitriã e idealizadora do Festival Leila Cunha Lima, Elke Cunha e Aline Santos



Prato Paris/Tóquio, idealizado pelo procurador do Estado João Coque



Crocante de castanha com sorvete de limão, espuma de doce de leite e queijo de coalho, obra da chef Carol Linhares, do Fio de Azeite



Bolinho de tapioca com sorvete de queijo de coalho, mel de engenho e flocos de coco queimado, pela chef do Lagastromie Ruteana Costa



Descontração e harmonia de todos os participante, júri e júri popular



Mix de frutos do mar com texturas de queijo parmesão, prato idealizado pelo empresário do Fio de Azeite, Militão Chaves



SUA PUBLICAÇÃO EM BOAS MÃOS

DIAGRAMAÇÃO - ILUSTRAÇÃO - INFOGRAFIA
TRATAMENTO DE IMAGEM - DESIGN
JORNALISMO - FOTOGRAFIA


terceirize
www.terceirize.com
(84) 3211 5075

MATRIMÔNIO

Fotos: Paulo Lima

O casamento de Matheus Ferrão e Clarissa Rolemberg foi sinônimo de animação. A cerimônia foi realizada no Clube do Golfe Aquiráz Riviera, em Fortaleza (CE), seguida de uma descontraída e animada festa. A celebrante foi a juíza Jaqueline Montenegro. Na semana anterior ao casamento, os noivos se casaram em cerimônia religiosa na Capela da Igreja São Pedro de Alcântara, em Brasília, celebrada pelo bispo auxiliar Dom Marcone.

A festa em Aquiráz foi realizada no mesmo local da cerimônia de casamento e se estendeu até a madrugada. O bellissimo Hotel Dom Pedro de Laguna, que também fica dentro do Complexo Aquiráz Riviera, serviu de hospedagem para todos os familiares e amigos.

O momento mágico foi organizado pelo cerimonial Celebre Eventos, decoração foi de Branca Mourão, buffet de La Maison e, o bolo, assinado por Adriana Bom Bocado. O agito ficou por conta da orquestra e banda Paulo José. Um das horas de maior destaque foi a vez do Coco Bongo, em referência à balada mais animada de Cancun (produção de Blitz Intervenções, animação do DJ Itaquê e Joyce Malkomens).



Clarissa e Matheus



Leandro e Aline Vasquez, Beatriz e Leonardo Carvalho



Mesa dos doces



Deputado Danilo e Valéria Forte



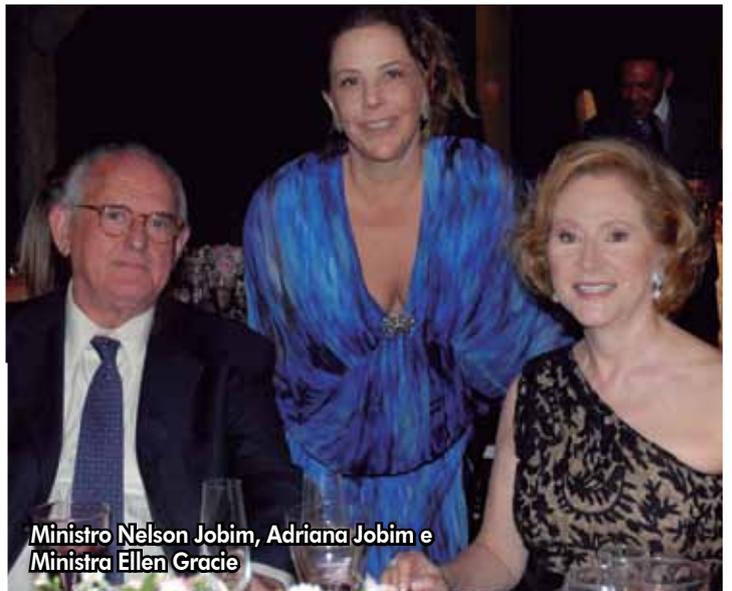
Os noivos Clarissa Rolemberg e Matheus Ferrão



Albano Franco, José Sarney, Eliseu Padilha, Deputado Arnon Bezerra e Paulo Tonet de Camargo



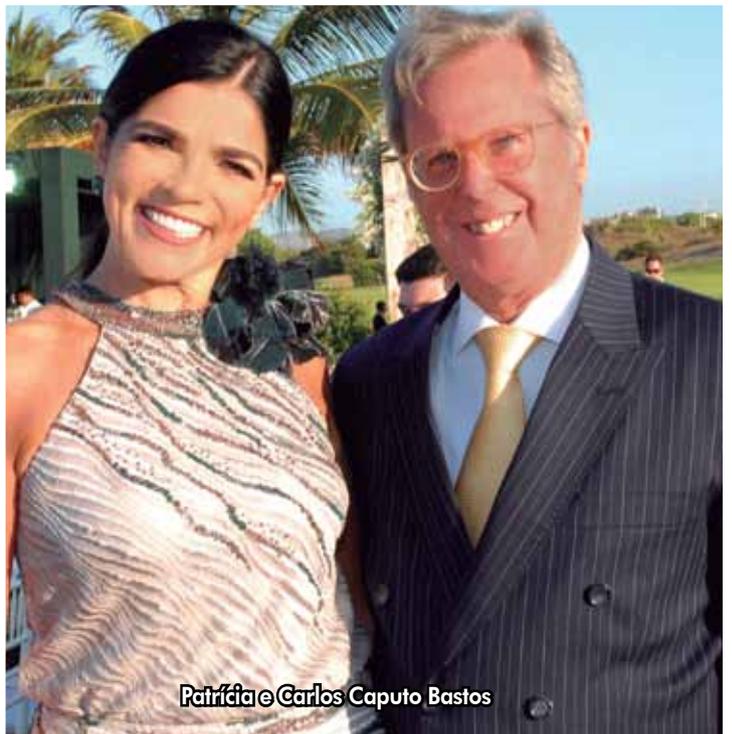
Deise Aviz e André Kállagri



Ministro Nelson Jobim, Adriana Jobim e Ministra Ellen Gracie



Valeska e Paulo Tonet de Camargo



Patrícia e Carlos Caputo Bastos



Rei do Luxo nas terras de Poti

Estilista das rodas mais badaladas da sociedade brasileira movimentada a pacata Natal dos anos 1970

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Cedidas

A DÉCADA ERA 1970. Os anos seguintes seriam de chumbo, encontros na censura e direitos e liberdades limitados de um Brasil que vivia a Ditadura Militar. Por outro lado, surgiam personagens que entrariam para a história da música, cultura e da moda brasileiras.

O período mais controverso foi um celeiro de criadores. Entre eles estava o polêmico costureiro Dener Pamplona de Abreu, figura que causava frissons nos mais diversos segmentos da sociedade. O estilista badalado adotou a provinciana Natal no ano de 1972. Dener fazia uma turnê pelo Nordeste e sua última parada seria a cidade de João Pessoa. Alda Medeiros, presidente da Casa da Amizade do Rotary Clube de Natal, pediu ajuda a amiga Denise Gaspar para trazer o costureiro até à capital potiguar, com a ideia de realizar desfiles e assim levantar fundos para instituições de caridade. Denise não perdeu tempo e entrou em contato, mas algumas exigências foram feitas para sua vinda. Na lista, hotel cinco estrelas com lençóis de puro linho, carro com ar condicionado, entre outras regalias.

O evento foi realizado no clube América e o desfile com a temática Candomblé foi um sucesso. A renda foi revertida para a construção da cozinha do hospital Giselda Trigueiro. Dener, que não conhecia Natal até então, se apaixonou e pediu para voltar. Prometeu voltar na festa de debutantes promovida pelo saudoso colunista Jota Epifânio, mas queria ser hospede do casal Gaspar. Meses



Estilista dos mais badalados do país, o luxuoso Dener movimentou a sociedade natalense

depois, voltou. Depois de um ligeiro suspense, pois era esperado no voo da extinta companhia Varig, mas chegou uma hora depois pela também extinta companhia Vasp. Aque-la figura, que despontou nos anos 60, como costureiro oficial da já primeira dama do Brasil Maria Thereza Goulart, e que também tinha a sociedade Paulista nas mãos. Dener fez parte da trindade conhecida da alta costura do país, com Clodovil Hernandes (falecido) e o carioca Guilherme Guimarães (ainda vivo).

Foram 13 dias principescos na residência do casal Denise e Arnaldo Gaspar, na Avenida Deodoro da Fonseca. A rotina da família Gaspar mudou completamente, pois a casa girava em torno do seu hóspede ilustre. Dener acordava

às 17h, tomava café no quarto, impecavelmente decorado para ele e o jantar acontecia lá pelas 1h da madrugada em restaurantes da cidade. Achava o máximo conversar em francês com sua anfitriã Denise Gaspar. Apenas um detalhe apavorou Dener em sua estadia, que foi o papagaio de Ivete Chaves, vizinha da família, que não deixava o costureiro dormir em paz.

Ao lado do casal e seus amigos, foram jantares, festas e até uma ida ao terreiro de Mãe Albina. A crônica potiguar amou a passagem do estilista pela cidade. Muitas histórias, fofocas e lendas foram criadas em torno de Dener e ele adorava tudo isso, se misturava com elite e com os humildes pescadores da vila de Ponta Negra.

O JANTAR DE GALA

Às 22h do dia 22 de outubro de 1972, quarenta casais da sociedade potiguar eram esperados na residência do casal Denise e Arnaldo Gaspar, na Avenida Deodoro da Fonseca. A festa Black Tie tinha como homenageado o estilista quase mito Denner Pamplona de Abreu. O Serviço da noite foi impecável, todo à francesa com marcadores de lugar, bordados a ouro. A decoração ficou por conta da anfitriã e de Marta Motta, toda com arranjos tropicais. Foi a primeira vez que a banqueteira Ignez Motta saía de sua casa para fazer um jantar, principalmente desse nível. A noite começava e iam chegando as mulheres mais elegantes da cidade como foi dito nas crônicas da época. Até o estilista pernambucano Marcilio Campos se fez presente na noite para prestigiar Denner. Curiosos foram para a calçada da casa.



Marly Carone, Marizinha Gurgel, Denise Gaspar, Yeda Porto Santos e Eleika Bezerra



Os anfitriões Arnaldo Gaspar e Denise, o estilista Denner, e o casal Maria José e Ronald Gurgel



Ana Carmelita Gaspar, Denner, Yeda Porto Santos, Jota Epifânio e Denise Gaspar



Denner em conversa com Julieta Madruga, Tânia Marinho e Clotilde Madruga



Alda Medeiros, presidente da Casa da Amizade

Denner foi o centro das atenções, disparou elogios para Magaly Fonseca, Yeda Porto Santos e a anfitriã Denise Gaspar, as quais classificou como perfeitas em todos os aspectos, da elegância à educação. Achou a morena Maria José Gurgel “divina”; Ana Tereza Paiva, “linda em qualquer lugar”; May Pessoa, “bonita e charmosa” e Elzinha Dutra, “um luxo”. E assim foi o domingo mais chique de 1972, segundo o jornalista Woden Madruga, um dos convidados da festa. Um jantar de gala que marcou a pequena e atrasada Natal à época, que recebeu uma personalidade do mundo da moda, tão cheia de refinamentos, humor ácido e melindres inseridos em seu universo particular.



Maria José Gurgel, Denise Gaspar, Elza Dutra, Elenir Fonseca, Ana Carmelita Gaspar



A costureira Violeta Pereira, Denner e a anfitriã Denise Gaspar



Arnaldo Gaspar, May Pessoa, Denner e Elza Dutra



Yêda Markam Maia, Denise Gaspar, Denner, Gilda Mesquita



O costureiro pernambucano Marcílio Campos, marcou presença na noite de gala



Segundo Woden Madruga, o domingo mais chique de 1972

ALGUMAS PÉROLAS DE DENNER

CONCEITOS:

“A mulher cafona é sempre espalhafatosa, gosta de mostrar o que ela não sabe, mas que devia esconder”. Página 102 do livro Bordados da Fama.

SOBRE MULHERES:

“As mulheres dos grandes homens são como meteoros que se queimam para iluminar seus maridos.”

ELEGÂNCIA:

“Sou exigente em se tratando de mulher elegante. E não confundo elegância com charme, beleza com chique. Uma mulher que reúna todos os requisitos: Ô LUXO. A mulher elegante tem que ter comportamento em sociedade elegante, carros elegantes, marido, filhos e criadagem elegante.”



O convite com dedicatória para a amiga Denise Pereira Gaspar: A Mulher Luxo

As crônicas borbulhavam de notícias sobre a passagem do estilista em Natal

OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



DOCE NATAL

Os clientes – elas em especial – fazem filas nos finais de tarde. Estreitinhas, mas aconchegantes, as docerias intimistas se multiplicam em Natal. Em cada uma delas, recriações que fidelizam clientes. Um hiato doce não dispensado nem mesmo pelos assumidamente fitness.



Bocaditos

O norte-americano Red Velvet (e seu vermelho característico) é a estrela da vitrine da casa também famosa pelos seus variados cupcakes. Avenida Engenheiro Roberto Freire, 1776 – Capim Macio.



Jolie Pâtisserie

A expressão “comer com os olhos” ganha reforço na esquina de tons pasteis. O bolo no pote ou de renda de flores são verdadeiros trunfos do lugar. Esquina da Avenida Campos Sales com a Rua Trairi – Petrópolis.



Casa Ítala

Já conhecida pelo tempero dos chefs Cacau Wanderley e Gabriel Camilo, o restaurante A Cozinha agora conta com uma versão tarantela na Praia de Ponta Negra. A Cozinha Forneria, nome de batismo, possui ambientes meritórios, climatizado e aberto, e poucos pratos, porém suficientes. Avenida Praia de Muriú, 9132.

Bonjour

O caminho que leva o veranista (ou turista) às primeiras praias do litoral ao sul de Natal, a Rota do Sol, ganhou três letras pujantes nos quesitos sabor e graça. O NUH Café Boutique de Pães é uma parada que compensa em qualquer turno, em especial nas primeiras horas da manhã. Guloseimas caseiras num jardim circundado por lençóis. Logo após o posto da Polícia Rodoviária Federal (PRF).



Natural

É também na vizinhança das praias ao sul da capital que fervem durante o verão que um desvio de rota leva veganos (ou simplesmente simpaticantes) ao paraíso da dieta sem proteína animal. Batizado de Magias da Terra, o restaurante instalado num sítio acolhedor serve as próprias colheitas por meio de receitas criativas, dispostas numa grande mesa tipo buffet. Entre o verde do Vale do Pium, no Ecovila Pau-Brasil.



Queijo suíço

É lamentável as condições da “Estrada de Genipabu”, um dos maiores meios de se chegar ao Rio Grande do Norte dos cartões postais. A travessia pelo que um dia já foi uma rodovia é, na verdade, uma sucessão de buracos, com todos os riscos que os mesmos oferecem. Isso em pleno verão, quando o fluxo de transeuntes aumenta sensivelmente. De que adianta uma porta bonita se não há onde sentar?

CELEBRAR

Fotos: Paulo Lima

Chique e querida, a procuradora Lenir Fonseca ofereceu, na bela fazenda da família, localizada no Jardim Botânico, em Brasília, um delicioso almoço para comemorar seu aniversário. Familiares e amigos estiveram presentes em uma tarde das mais agradáveis, animada pela Banda Leila e Arnaldo Chagas. No cardápio de Valério Buffet, foram servidas comidas mexicanas do Ándale Tacos - chilli, guacamole, queijos com nachos, tacos tradicionais, quesadilla, recheios al pastor, polo e carne.



Lívia Hortência da Silva, Luciano, Lenir e o Desembargador Hélio Fonseca



A aniversariante Lenir Fonseca



Rita Márcia Machado, Elizabeh Campos e Marleninha de Souza



Oscarina Chaibe, Valdete Drummond e Irene Maia



Mariana e Juliana Altman



Ana Paula, Paulo Fonseca e Clarissa Neves



Narme Gomide, Monalisa Barenbaum e Marília Fonseca



Mirtes Gomide, Jacira Abrantes e Kátia Kouzák



Regina e Josélio Moura

ANO NOVO

Fotos: Edivan Tertulino de Moura Júnior

Com vista privilegiada para o mar, o Réveillon da Praia 2016 reuniu muita gente jovem e animada, em uma festa que começou às 22h e seguiu até a manhã do dia seguinte, no Beach Club, via Costeira. A animação ficou por conta das bandas Patusco, Sambô e dos DJs Discoteque Live e Jovick.



Zé Henrique, Glenda, Lorena,
Enio, Augusto, Natalia e Emerson



Reveillon da Praia



Flavia Pipolo, Karina Maruska,
Lu Benfica e Idalia Radaci



Haroldo Azevedo, ..., Karina
Costa e Alínio Azevedo



Natalia Bandeira e
Augusto Benfica



Hugo Rafael Grupo Sambó



Daniel Jesus e Raissa Harris



Leo Benfica, Juliane Pimentel, Fatima Benfica, Dodoca, Fatima Benfica e Natália Bandeira



Pedro, Hellen Borges e Kadu Severiano



Daniela Paiva



Karina/Maruska



Eline Eulália

ANDRÉA LUIZA TAVARES

andrea-luisa@hotmail.com



FAMOSOS NO RN

Os globais Rodrigo Santoro e Rodrigo Lombardi causaram no interior do Rio Grande do Norte. Uma fazenda no município de Baraúna, a 36 quilômetros de Mossoró, será cenário dos primeiros capítulos da novela global "Velho Chico", de Benedito Ruy Barbosa, dirigida por Luiz Fernando Carvalho. Os atores ficam hospedados no hotel Thermas, em Mossoró. Santoro volta a fazer novela na Globo depois de 12 anos. Também fazem parte do elenco Tarcísio Meira, Selma Egrei, Marcos Palmeira, Letícia Sabatella, Marcelo Serrado, Irandhir Santos, Dira Paes, Fabiula Nascimento, Umberto Magnani, entre outros. "Velho Chico" estreia no primeiro semestre de 2016.



Não deixe o Bowie morrer

O cantor David Bowie, um dos mais versáteis e inovadores nomes do rock e do pop desde os anos 1970 e autor de clássicos como "Starman" e "Space Oddity", morreu no domingo (10), aos 69 anos, após lutar 18 meses contra um câncer. Bowie havia acabado de lançar seu mais novo álbum, **Blackstar**, na última sexta-feira, pelo qual recebeu críticas positivas. Um disco híbrido de free jazz com o eletrônico do Kraftwerk, pincelado pelas fases mais experimentais do krautrock. **Blackstar** dá provas de que o artista sempre foi capaz de se transformar e causar estranhezas, sem deixar de ser quem é. Simplesmente Bowie.

TAMBÉM VALEM OURO

Domingo (10) aconteceu a cerimônia da 73ª edição do Globo de Ouro, em Los Angeles, Estados Unidos. O evento da Associação da Imprensa Estrangeira em Hollywood escolheu "O regresso" como o grande campeão da noite nos cinemas e "Mr. Robot" e "Mozart in the jungle" como as séries do ano. Mas a Revista Bzzz elegeu, dentre as obras que não ganharam, produções que valem ouro. Confira!

A GAROTA DINAMARQUESA

– Com três indicações técnicas, é a cinebiografia de de Lili Elbe, a primeira transsexual a passar por uma operação de mudança de sexo. Trama delicada e intensa é desenrolada com a atuação do fluido **Ed-die Redmayne**.

HOW TO GET AWAY WITH MUDER

– Série representada pela indicação da atriz principal, Viola Davis, segue um estilo rápido e intenso. O enredo misterioso permeia a resolução de um assassinato. O estilo **Flashforward** só atira o telespectador.

SPOTLIGHT

– Com três indicações, dentre elas Melhor Diretor e Melhor Filme de Drama, o longa é baseado em uma história real, onde um grupo de jornalistas em Boston reúne milhares de documentos capazes de provar diversos casos de abuso de crianças, causados por padres católicos

NARCOS

– Com o brasileiro Wagner Moura como protagonista, a série pode não ter levado a premiação, mas foi eleita com primazia pela revista Bzzz. Dirigida pelo brasileiro José Padilha, a série conta a história da propagação da cocaína nos Estados Unidos e na Europa, graças a droga do cartel de Medellín, liderado por Pablo Escobar. É "Plata o Plomo".

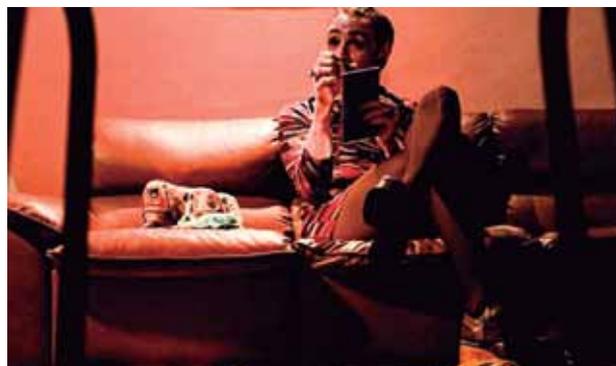
Plutão quer decolar

A banda potiguar sucesso Plutão Já Foi Planeta ançou uma campanha de financiamento coletivo para gravação de seu novo disco, o segundo em pouco mais de dois anos de carreira. A banda, lançada em 2013, já se consagrou vencedora do Prêmio Hangar como "**Artista Revelação**", e no ano de 2015 recebeu o título de "**Melhor Banda**" pelo Troféu Cultura. Os tupiniquins pretendem alcançar, até o final de fevereiro, a quantia de R\$ 5 mil, valor mínimo para viabilizar o projeto, que deve ser lançado ainda no primeiro semestre de 2016. Quem quiser ajudar a banda a consagrar o som basta procurar o link na fanpage oficial, e ainda garantir um dos prêmios por colaborar!



Teatro

De 8 a 24 de janeiro a A'Boca Espaço de Teatros, na Ribeira, estará ocupada com o "Verão n'A Boca – Ocupação Teatro do Indivíduo". A programação conta com a apresentação dos espetáculos "Bicha Oca", "Desamador" e "Réquiem para um Rapaz Triste". As obras perpassam as questões de gêneros e abrem margem para que se verticalizem as discussões acerca do universo masculino e a sexualidade. Todas as peças são adaptações de obras literárias, feitas por Rodolfo Lima, dos autores: Caio Fernando Abreu, Marcelino Freire e Fabrício Carpinear.





A VIDA É CRISE, então estude muito e sempre!

A VIDA É CRISE. Crise é um estado permanente de mudanças e as mudanças sempre trazem ameaças e oportunidades. Sabedoria significa transformar ameaças em oportunidades e é imprescindível ser outro a cada dia, afinal, nenhum dia é igual ao outro.

Não reconhecer oportunidades ou, pior, transformar oportunidades em ameaças, o que se percebe com frequência indesejada, é um indicativo da incapacidade de usar o pensamento como o mais importante instrumento de trabalho, o que expressa o pensar pouco ou desprezar o pensamento. Pensar para agir não dói e, normalmente, leva a excelentes resultados.

A crise pode gerar o caos, relação entre ameaças e oportunidades em que as ameaças são muito fortes e em que as oportunidades oferecem grandes riscos.

A vida é crise e caos. Portanto, em tempos sob velocidade de mudanças, compreender a vida em crise permanente é um ato de sabedoria. Arrancar os cabelos, viver se lamentando, chorar em desespero, enfiar a cabeça em qualquer buraco, se esconder debaixo do cobertor, fugir de tudo e de todos são comportamentos que indicam sabedoria zero, não solucionam crises e levam ao caos.

Menino, ainda, Míope Astigmático o meu nome, há cerca de 2.500 anos, em minhas longas conversas com meu Mestre, Sócrates – quanto ainda não consegui compreender - repetidas vezes ouvi:

“Jovem Míope Astigmático, a coragem é a primeira virtude humana, porque permite as outras virtudes”.

Finalmente consegui compreender que a coragem é pilar para a vida e a esperança, imprescindível sempre

e para tudo, até no fracasso. Porque o fracasso não pode ser a consequência da derrota, o fracasso não pode ser apenas o fracasso, nunca pode ser o fim. O fracasso tem que ser recomeço sempre, tem que impor sempre novas e melhores oportunidades de fazer, um fazer com mais motivação e sabedoria. O fracasso precisa ser uma forma importante de aprendizado e aprender com o fracasso do outro é sabedoria e dói muito menos do que no outro que fracassou.

Então, sim, o Brasil está em crise, mas a inflação, a recessão e o desemprego expressam o fracasso

da ética, da política e da economia, não o seu fracasso. Daí, mais que sempre, coragem! Esteja sempre forte para superar as crises geradas pelo fracasso dos que estão à frente da economia e da política e que impactam tanto a sua vida. Esteja sempre forte para lutar pelo Bem Comum, para a garantia da ética de princípios e dos valores que fazem do animal homem um ser verdadeiramente humano.

Estude muito, estude sempre, não há melhor investimento. Como en-

sinou meu amigo Sun Tzu, se você se conhece e conhece seus inimigos está preparado para enfrentar cem batalhas. A crise pode ser inimiga mortal. Rompa com a sociedade do excesso, excesso de pessoas e de instituições que pensam e agem de formas similares, que somente têm para oferecer ao mercado o que o mercado já tem em excesso. Quem estuda por toda a vida está sempre preparado para enfrentar cem batalhas. Seja senhor de seu destino e não escravo de suas circunstâncias. Panta rei.

“

A vida é crise e caos. Portanto, em tempos sob velocidade de mudanças, compreender a vida em crise permanente é um ato de sabedoria.”

SÃO GONÇALO DO AMARANTE É A 2ª MELHOR CIDADE DO BRASIL. (*)



EDUCAÇÃO



HABITAÇÃO



SISTEMA DE TRATAMENTO DE ÁGUA



INFRAESTRUTURA



ASSISTÊNCIA SOCIAL



BANDA MUNICIPAL



SAÚDE



QUALIDADE DE VIDA



URBANIZAÇÃO



MESAS INTERATIVAS



NOVO MUSEU MUNICIPAL

EXAME.COM

Ranking	Cidade	Estado	Pontuação
1	Vinhedo	SP	3,273
2	São Gonçalo do Amarante	RN	3,088
3	Lucas do Rio Verde	MT	2,880
4	Pato Branco	PR	2,816
5	Francisco Beltrão	PR	2,749
6	Gurupi	TO	2,748
7	Campo Mourão	PR	2,720
8	Barra do Garças	MT	2,667
9	João Monlevade	MG	2,550
10	Itumbiara	GO	2,543
11	Estelô	RS	2,536
12	Jataí	GO	2,531
13	Cianorte	PR	2,523
14	Votuporanga	SP	2,522
15	Frutal	MG	2,503
16	Navegantes	SC	2
17	Itajubá	MG	2
18	Pará de Minas	MG	2,490
19	Primavera do Leste	MT	2,486
20	Penápolis	SP	2,482

Segundo a Revista Exame, ao ser escolhida a 2ª melhor entre 100 cidades brasileiras com população de 50 a 100 mil habitantes, São Gonçalo do Amarante vê reconhecido para todo o Brasil o trabalho realizado ao longo dos últimos anos.

Quem é daqui sabe disso. Nos últimos 7 anos São Gonçalo deu um salto no seu desenvolvimento: infraestrutura, habitação, saneamento, saúde, educação e oportunidades para o crescimento profissional dos seus jovens e trabalhadores.

(*) Ranking elaborado pela consultoria Urban systems para a revista EXAME.



Prefeitura de
**São Gonçalo do
Amarante | RN**

Terra de Novas Oportunidades.



Unicred Natal

Prova de solidez

Nas horas mais difíceis é que se conhece a força e a segurança do ideal cooperativista. É assim que a Unicred Natal vem mantendo-se firme como a maior cooperativa de crédito do RN e uma das maiores do Norte-Nordeste em Ativos Financeiros. São mais de duas décadas oferecendo aos seus cooperados as melhores opções em financiamentos, empréstimos, aplicações, consultoria financeira, web bank móvel, entre tantos produtos e serviços. Uma cooperativa que sabe suportar os desafios do mercado financeiro, com a tranquilidade de quem tem bases empresariais sólidas, sustentáveis e socialmente responsáveis.



A Unicred Natal é a maior cooperativa de crédito do RN e está aberta a profissionais de nível superior da área de saúde, membros e servidores do Poder Judiciário, Ministério Público e Órgãos Jurídicos da Região Metropolitana.

Rua Tuiuti, 765 – Petrópolis
Natal/RN – (84) **4009-3535**

www.unicrednatal.com.br



UNICRED
NATAL/RN